



Marília Rietmann Toledo

**A fantasia e suas implicações
na clínica psicanalítica**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

Orientador: Prof^a. Ana Maria Rudge

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2003.



Marília Rietmann Toledo

**A fantasia e suas implicações
na clínica psicanalítica**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof^a. Ana Maria Rudge

Orientadora

Departamento de Psicologia – PUC-Rio

Prof^a. Maria da Glória S. Sadala

USU/RJ

Prof. Marcus André Vieira

PUC-Rio

Prof. Jürgen Heye

Coordenador Setorial do Centro de
Teologia e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, _____/_____/2003

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

Marília Rietmann Toledo

Graduada em Psicologia pela Universidade Gama Filho – UGF em dezembro 1977, Especialização em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio em julho de 1996.

Ficha catalográfica

TOLEDO, Marília Reitman

A fantasia e suas implicações na clínica psicanalítica / Marília Rietmann Toledo; orientadora: Ana Maria Rudge. – Rio de Janeiro : PUC, Departamento de Psicologia, 2003.

93 f.; 29,7 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia.

Inclui referências bibliográficas.

1. Psicologia – Teses. 2. Fantasia. 3. Neurose. 4. Perversão. 5. Freud. 6. Lacan. I. Rudge, Ana Maria. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

Ao meu marido e aos meus filhos, pelo carinho com que me incentivaram, tornando possível chegar a este momento.

AGRADECIMENTOS

À Ana Rudge, pela atenção dispensada, paciência e por suas preciosas pontuações durante a orientação desta pesquisa.

Ao meu pai, *in memoriam*, e à minha mãe, pelo investimento afetivo e pela educação que me proporcionaram.

À Glória Sadala, pelo interesse e delicadeza ao aceitar o convite para participar desta banca.

Aos colegas do grupo de pesquisa, pelas importantes observações, que muito ajudaram no desenvolvimento do trabalho.

À Marise e Vera, pelo sorriso e boa vontade no atendimento à todas as solicitações.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

À minha analista, que acompanhando os últimos anos de minha vida, certamente muito tem contribuído para meu crescimento psíquico.

À Sonia Tereza, pelo carinho e dedicação na revisão do texto.

Às colegas do “Projeto Travessia”, pela paciência e incentivo ao longo desta trajetória.

Aos colegas da Letra Freudiana, pela colaboração e troca que tanto me auxiliaram a chegar até aqui.

E finalmente a todos os amigos, que de algum modo me apoiaram durante esses dois anos de trabalho intenso.

Resumo

TOLEDO, Marília Rietmann; RUDGE, Ana Maria. **A fantasia e suas implicações na clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro, 2003. 93p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A proposta desse trabalho é percorrer as diferentes abordagens da fantasia nas obras de Freud e de Lacan.

Na teoria freudiana, destacam-se basicamente duas dimensões da fantasia: primeiramente uma dimensão representacional, onde a fantasia estaria articulada à sexualidade infantil, à realização de desejo, ao princípio do prazer e ao recalque. Posteriormente, a dimensão pulsional, representada pela fantasia fundamental de espancamento, foi priorizada pelo autor. Freud destacou um resíduo irreduzível da castração edípica, sempre presente em todo sujeito, que permanece à parte da estrutura da neurose, exigindo um trabalho específico de construção em análise.

Apresentamos como Lacan, partindo desta última abordagem da fantasia na teoria freudiana, constrói uma escritura própria, o matema da fantasia fundamental: $\$ \diamond a$. Esta fantasia “especial”, no pensamento do autor, é uma construção que permite lidar-se com o desejo do Outro. Examinamos os diferentes modos, sob os quais, a fantasia pode se manifestar, tanto na neurose quanto na perversão.

Finalmente, mostramos de que forma o autor relaciona a fantasia ao final de análise, priorizando sua “travessia” em relação ao alívio dos sintomas, e as mudanças que isto significa, tanto para a posição ocupada pelo analista, como para a condução do tratamento.

Palavras-chave

fantasia – neurose – perversão – Freud – Lacan.

Abstract

TOLEDO, Marília Rietmann; RUDGE, Ana Maria. **Fantasy, and its Implications on Psychoanalytic Clinic**, Rio de Janeiro, 2003. 93p. Masters Degree Dissertation – Psychology Department - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The purpose of this dissertation is to go through the different approaches of fantasy both in Freud's and Lacan's theories.

Freud presents two basic dimensions of fantasy: at first, a representative dimension where fantasy is articulated to infantile sexuality, to desire's realization, to the pleasure principle and repression. Later on, a drive dimension, represented by the fundamental fantasy of beating, began to be prioritized by the author. Freud emphasized a scar of the Oedipal castration, always present in everyone, which remains apart of neurosis structure, claiming for a specific work of construction in analysis.

We present how Lacan, based on the last Freudian conception of fantasy, built the formula of the fundamental fantasy: $\$ \diamond a$. This special fantasy, in the author's opinion, is a construction that allows us to cope with Other's desire. We examine different aspects that fantasy can assume in neurosis or in perversion.

Finally, we introduce how the author relates fantasy to the end of analysis, emphasizing its "crossing" instead of the relief of the symptoms, and the changes on the position of the analyst and on the treatment's conduction which are a consequence of this idea.

Key words

fantasy – neurosis – perversion – Freud – Lacan.

Sumário

1. Introdução	12
2. A Fantasia em Freud	13
2.1. A importância da fantasia no pensamento freudiano	13
2.2. Fantasias precursoras dos sintomas	15
2.3. Fantasias como realizações de desejos	18
2.4. A fantasia como resíduo do irreduzível	26
3. A Fantasia em Lacan	31
3.1. A via do matema	31
3.2. A constituição do sujeito	33
3.3. $\$ \diamond a$: Construção axiomática	37
3.4. A fantasia no “Kant Com Sade”	38
3.4.1. Lacan aproxima o filósofo do escritor libertino	38
3.4.2. A máxima sadeana	43
3.4.3. O objeto causa de desejo	46
3.4.4. A fantasia na perversão: $a \diamond \$$	49
3.4.5. A fantasia e o desejo	58
3.5. Fantasia fundamental	63
4. Implicações clínicas da fantasia	65
4.1. Fantasia e sintoma	65
4.2. Fantasia e final de análise	75
5. Considerações Finais	86
6. Bibliografia	90

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema da fantasia acompanha-me de longa data, desde meus primeiros contatos com a psicanálise de Freud. Foi suscitado pela abrangência e riqueza do termo único - *Fantasie* - utilizado em toda a obra, apesar de ser circunscrito de forma diferenciada em diversos momentos do desenvolvimento da teoria psicanalítica, assumindo valores conceituais diversos que pretendo delimitar.

A teorização freudiana relativa ao conceito de fantasia estende-se desde os iniciais “*Estudos Sobre a Histeria*” (1893-1895)¹ até o ponto da fantasia inconsciente irreduzível, desenvolvida em “Uma Criança É Espancada – Uma Contribuição Ao Estudo Da Origem Das Perversões Sexuais” (1919)²; texto paradigmático, porém instigante, na medida em que evoca uma outra dimensão de fantasia, ou dito de outra forma, evoca uma fantasia “especial” que nos remete à própria estrutura do sujeito, enquanto aquele que está sempre numa posição à mercê de um Outro.

Lacan, sem dúvida, veio avançar no estudo da fantasia³, a partir de seu retorno a Freud. Suas contribuições determinam, inexoravelmente, alterações importantes, tanto em relação à posição do analista quanto à própria direção do tratamento analítico.

O caráter paradoxal da fantasia fundamental, mais precisamente, de uma estrutura que funda o sistema, como um axioma, mas que permanece apartada dele, de um ponto irreduzível, que não muda, parece explicar porque a literatura psicanalítica a esse respeito é muito mais escassa do que a existente sobre as formações do inconsciente. Na teoria psicanalítica, a literatura sobre fantasias praticamente limitou-se à sua vertente imaginária, que foi enfatizada principalmente pelos psicanalistas kleinianos. Lacan, por sua vez, enfatizou sua

¹FREUD, S., ESB-1976, vol. II.

²FREUD, S., ESB-1976, vol. XVII, p. 223..

³Não desconhecendo as diversas contribuições de analistas da escola inglesa de psicanálise (Melanie Klein, Susan Isaacs, Paula Heimann e outros) além das contribuições dos analistas anafreudianos; priorizamos, entretanto, nesse momento a escola francesa.

dimensão simbólica e postulou como indispensável situar o ponto limite da fantasia fundamental, na condução do tratamento.

De que modo as contribuições lacanianas referentes à fantasia trouxeram avanços para a teoria psicanalítica? Que efeitos essas idéias vieram provocar na clínica?

Objetivando responder a tais questões, esse estudo apóia-se principalmente na obra de Freud e Lacan, incluindo também autores brasileiros e estrangeiros que tenham contribuído com o tema em questão.

No primeiro capítulo serão apresentadas as diversas nuances que esta estrutura psíquica vai adquirindo no decorrer do desenvolvimento da obra freudiana. Inicialmente será apontada a importância das fantasias, evidenciada por Freud, nos relatos das histéricas. A seguir será desenvolvida a idéia das fantasias poderem ser causa de sintomas, contrariando a tese, até então vigente, da sedução traumática como gênese da neurose. Este momento, de suma importância no desenvolvimento da teoria psicanalítica, tem como marco inaugural a carta 69 a Fliess⁴ (21/07/1897), e culmina com a noção de “realidade psíquica” que é a realidade decisiva para o pensamento psicanalítico, premissa que permanece válida até o fim da obra. Será tratada também a dimensão estruturante das fantasias originárias, como um meio organizador capaz de fornecer significação para situações enigmáticas que se apresentam para todo sujeito.

As fantasias, enquanto precursoras dos sintomas psíquicos, relacionam-se com os processos conscientes, pré-conscientes e inconscientes. No âmbito da primeira tópica freudiana, verificamos a predominância da fantasia articulada à realização de desejos e ao primado do “princípio do prazer”. Sob esta ótica, apontamos os diversos processos psíquicos aos quais a fantasia foi equiparada por Freud: os sonhos, o brincar infantil, a vivência do drama teatral e os escritos criativos.

À medida que o interesse de Freud foi arrebatado por fenômenos e evidências de sua clínica, que contrariavam a prevalência do “princípio do prazer” no funcionamento psíquico, a teoria da compulsão à repetição e do fator pulsional mais além do “princípio do prazer”, foi se impondo a Freud de modo insistente. O artigo sobre a fantasia de espancamento, de 1919, acentua uma nova dimensão da

⁴ FREUD, S., E.S.B.-1976, vol. 1, p. 350.

estrutura fantasmática, que traz em si a marca da pulsão de morte. O caráter masoquista predomina, deixando a fantasia fundamental numa posição à parte da estrutura da neurose. Trata-se aqui de um outro tempo da clínica freudiana: é o tempo da construção, necessária, da fantasia fundamental na análise e, através desta construção, da aproximação com o irreduzível da castração.

Com Lacan, a análise ultrapassa este limite do “rochedo da castração” e segue no sentido de um fim “muito mais ambicioso”, parafraseando Freud em 1937⁵. Neste artigo, Freud colocou em questão a possibilidade de se atingir, ao fim de uma análise, um nível tal de “normalidade psíquica absoluta”, capaz de permanecer estável pela vida afora do sujeito, sem risco de repetição do processo patológico. Em seguida após analisar os fatores que podem comprometer o sucesso do tratamento analítico ele diz:

“Há quase sempre fenômenos residuais, uma pendência parcial. ...A transformação nunca é completa e resíduos de fixações libidinais anteriores ainda podem ser mantidos na configuração final.”⁶

O movimento ambicioso de Lacan, entretanto, certamente não vai no sentido de buscar a “normalidade psíquica absoluta”, totalmente livre de sintomas, como o próprio Freud havia questionado. Pelo contrário; trata-se de chegar ao momento em que o sujeito possa destituir-se dos significantes tomados do Outro, que o aprisionaram através das identificações ideais, e possa experimentar-se como falta-a-ser.

No segundo capítulo, “A fantasia em Lacan”, serão abordados pontos de avanço do autor relativos à fantasia fundamental⁷. Iniciaremos pelo seminário cinco⁸, que é onde Lacan introduz o matema da fantasia, apoiado por fundamentos da Lógica, visando uma escritura estrutural. Em seguida, acompanharemos as elaborações lacanianas referentes ao tema nos seminários sete, oito, dez, onze e quatorze, priorizando, entretanto, nesta pesquisa, o texto “Kant com Sade”

⁵ FREUD, S., “Análise Terminável e Interminável” (1937), ESB-1976, vol. XXIII, p. 251.

⁶ FREUD, S., “Análise Terminável e Interminável” (1937), ESB-1976, vol. XXIII, p.261.

⁷ LACAN, quando se refere a esta fantasia especial, utiliza prioritariamente a palavra *fantasme*, que no português pode ser traduzida como fantasma, mas também como ilusão, sonho, imaginação: Dicionário Michaelis Francês-Português, Ed. Melhoramentos, São Paulo, 1998. Não é por acaso que o termo *fantasia* aproxima-se etimologicamente de *fantasma*, que significa aparição, imagem que aparece no espírito e, em latim, significa visão (Quinet, A., “Um Olhar A Mais). A fantasia fundamental apresenta-se deste mesmo modo para o sujeito; daí talvez Lacan ter preferido utilizar *fantasme* ao invés de *fantaisie*, que estaria mais próxima do imaginário.

⁸ LACAN, J., O Seminário-livro 5 (1957-58): “As formações do Inconsciente” (1999).

⁹(1962). Este texto paradigmático é privilegiado por ser o escrito onde Lacan explora, com toda amplitude, a relação do sujeito com a fantasia, tanto no âmbito da neurose quanto da perversão.

No terceiro capítulo, a fantasia será pensada em relação às suas implicações clínicas. Serão destacados dois aspectos: as relações da fantasia com o sintoma e com o final de análise. Com referência às relações entre fantasia e sintomas psíquicos, serão enfatizados os pontos de diferença entre essas duas dimensões clínicas, além das variações na forma de responder à questão do desejo do Outro, vistas através das fórmulas da fantasia histérica e da fantasia obsessiva, construídas por Lacan no seminário oito¹⁰ (1960-61).

O final de análise é abordado especialmente a partir das expressões lacanianas “*travessia da fantasia*” e “*destituição subjetiva*”, referentes à articulação deste momento com a passagem do analisando a analista. Especialmente a expressão “*atravessar a fantasia*”¹¹, inédita na teoria psicanalítica até então, tem provocado importantes discussões, por parte dos analistas, tanto de aspectos metapsicológicos como de aspectos diretamente relacionados à condução do tratamento. Temos testemunhado, mesmo no círculo dos seguidores da escola francesa de psicanálise, que as teorizações advindas dessa construção lacaniana, têm freqüentemente suscitado um grande número de mal-entendidos. Na tentativa de esclarecer ao menos alguns desses impasses e assim contribuir para o desenvolvimento do pensamento psicanalítico nos dias atuais, proponho essa pesquisa, que se manterá no espaço da articulação entre teoria e prática.

⁹ LACAN, J., “Kant com Sade”(1962), in *Escritos*, 1998, p.776.

¹⁰ LACAN, J., O Seminário-livro 8 (1960-1961): “A Transferência”, 1992, p.248.

¹¹ LACAN, J., Lo Seminario 10 (1962-1963): “La Angustia”(inédito), versão argentina em CD ROM – clase 25 (3/07/1963): “... El goce para nosotros no este, por naturaleza, prometido al deseo que el deseo no pueda hacer más que ir a su encuentro y que, para encontrarlo, el deseo no deba sólo comprender sino **atravesar el fantasma** mismo que lo sostiene y lo construye...” (grifo meu).

2

A Fantasia em Freud

As fantasias possuem **realidade psíquica**, em contraste com a **realidade material**, e gradualmente aprendemos a entender que, **no mundo das neuroses, a realidade psíquica é a realidade decisiva**

Sigmund Freud¹

2.1

A importância das fantasias no pensamento freudiano

Precisar o conceito de fantasia na obra freudiana não é tarefa simples, embora sua importância imponha-se naturalmente, uma vez que surge repetidas vezes e em momentos diferenciados ao longo de toda a teoria. O termo único utilizado pelo autor – *Fantasie* – é bastante abrangente, comportando várias significações: *fantasias conscientes, pré-conscientes, inconscientes, devaneios diurnos...* Sua definição, portanto, constitui-se como uma necessidade, imposta não apenas pelo estudo da doutrina psicanalítica, mas também pela clínica apoiada nesta.

Nos “*Estudos Sobre A Histeria*”² (1893-1895), ainda em plena vigência do método catártico, Freud e Breuer já evidenciavam a importância e a frequência da **fantasia** nos relatos das histéricas. Esse tipo de atividade mental ocorria muito frequentemente na histeria, não apenas nos estados de vigília, mas também na base de estados de ausência ou estados hipnóides.

Em 1986,³ Freud postula como premissa para os sintomas neuróticos, a sedução por parte de um adulto, numa época remota da infância. Esta teoria da sedução sexual foi o primeiro modelo construído a fim de explicitar a etiologia das neuroses. Tal modelo supõe sempre a existência de dois acontecimentos:

¹ FREUD, S., E.S.B.-1976, vol. XVI, Conferência XXIII (1917): “Os Caminhos da Formação dos Sintomas”, p. 430 (grifos originais).

² FREUD, S., E.S.B.-1976. Vol. II.

³ Para uma exposição mais detalhada verificar os seguintes textos freudianos: “Projeto para uma Psicologia Científica”(1895), “Novos Comentários Sobre As Neuropsicoses De Defesa”(1896), “A Etiologia Da Histeria”(1896) e “Meus pontos de Vista Sobre O Papel Desempenhado Pela Sexualidade Na Etiologia Das Neuroses ” (1906).

Numa primeira cena, a criança sofreria algum tipo de investida sexual por parte de um adulto, sem que isso despertasse nela, neste momento, alguma excitação. A criança na tenra infância não teria à sua disposição, condições somáticas e nem psíquicas para poder integrar as representações. De acordo com esse modelo a sexualidade irromperia de fora para dentro, penetrando no mundo infantil como um corpo estranho, uma marca mnêmica ainda não dotada de significação traumática.

No segundo momento, com a puberdade desencadeando o despertar fisiológico da sexualidade, é que tais lembranças poderiam ser significadas mediante alguns traços associativos. Apenas nesse segundo momento é que as lembranças evocadas poderiam ser experimentadas como desprazer. O caráter estranho e traumático, agora proviriam simultaneamente do exterior e do interior. Do exterior porque é do outro que a sexualidade chega ao sujeito e do interior porque é a partir da significação da lembrança da primeira cena, que o desprazer é liberado⁴. Este desprazer seria o responsável pela ativação do recalque, que, como processo de defesa, teria a função de manter a lembrança da sedução o mais afastada possível da consciência. Especialmente no caso da histeria, o afeto separado da representação intolerável por ação do recalque, se deslocaria para uma determinada parte do corpo, originando deste modo os sintomas conversivos.

Em 1897, as fantasias aparecem na teoria freudiana descritas como “*fachadas psíquicas*” construídas com a finalidade de obstruir o caminho às lembranças infantis. Nesta altura, Freud propõe para o caso da histeria, o trabalho de chegar às cenas primárias percorrendo um caminho indireto via fantasias.

“As fantasias servem ao mesmo tempo à tendência de refinar as lembranças, de sublimá-las. São feitas de coisas que são ouvidas e utilizadas subseqüentemente; assim elas combinam coisas que foram ouvidas e coisas que foram experimentadas; acontecimentos passados (da história dos pais e dos ancestrais) e coisas que a própria pessoa viu”.⁵

Na carta no. 61 a Fliess (2/5/1897), cujo Rascunho K seguiu em anexo, Freud novamente refere-se às fantasias como “... *coisas ouvidas porém compreendidas a posteriori...* . São estruturas de proteção, embelezamento dos

⁴ LAPLANCHE, J., e PONTALIS, J.-B., *Fantasia Originária, Fantasias das Origens, Origens da Fantasia*, 1988, p. 31.

⁵ FREUD, S., “Rascunho L” (2/5/1897), E.S.B.-1976, vol. I, p. 336.

fatos e servem ao mesmo tempo de auto-absolvição.”⁶ Alguns dias depois, descreve para o amigo e confidente, suas incursões para compreender o processo de construção das fantasias inconscientes. Diz ele:

“As fantasias são construídas por um processo de amálgama e distorção, análogo à decomposição química de um corpo que está combinado com outro.”⁷

A distorção que produz a fantasia, segundo o autor, consiste numa modificação da memória por fragmentação, num processo em que as relações cronológicas são postas de lado. Um fragmento de uma cena visual, junta-se depois a um fragmento de uma cena auditiva e é transformado numa fantasia.

Quando a intensidade da fantasia aumenta até um ponto em que forçosamente irromperia na consciência, o mecanismo do recalque é então acionado, surgindo daí o sintoma, mediante uma força que impele para trás não só a fantasia como também as lembranças constituintes. Nesse texto, além de explicitar como ocorre a construção das fantasias inconscientes, Freud indica serem elas precursoras dos sintomas.

2.2

Fantasias precursoras dos sintomas

Na “Carta nº 69 a Fliess (21/07/1897)”⁸, Freud relata ao amigo que abandonou a sedução, por parte do adulto, como fonte da neurose: “... *Não acredito mais em minha neurótica...*”. “...*O pai tinha que ser apontado como perverso...*”; “...*A perversão teria que ser incomensuravelmente mais freqüente do que a histeria...*”, concluiria ele, se realmente houvesse tantas seduções, como ouvira na sua clínica.

Freud descobre, através das análises de seus pacientes, que muitas das experiências infantis que deixaram marcas inconscientes como pontos de fixação, atraindo libido para si, não ocorreram na realidade. São, na verdade, fantasias ou pelo menos combinam verdade e adulteração em abundância. Ainda assim, essas estruturas são produtos que o sujeito criou para si mesmo buscando o prazer.

⁶ FREUD, S., “Carta 61” (2/5/1897), E.S.B.-1976, vol. I, p.334.

⁷ FREUD, S., “Rascunho M” (25/5/1897), E.S.B.-1976, Vol. I, p. 340.

⁸ FREUD, S., ESB-1976, vol. 1, p. 350.

O autor percebe, que no psiquismo não há indicações de realidade, de modo que não se consegue distinguir verdade e imaginação investida com afeto, permanecendo aberta a possibilidade de que as fantasias sexuais invariavelmente tenham como tema os pais. Freud chega deste modo a conceituar a “*realidade psíquica*”.

A realidade psíquica, fundamental no trabalho com a psicanálise, considera que seja proveniente de fantasias ou de fatos reais da vida do sujeito, o que importa é o que se apresenta no psiquismo; ficando a questão da veracidade do fato traumático em segundo plano. A fronteira entre realidade interior e realidade exterior, ao contrário de ser bem definida, apresenta grande mobilidade no psiquismo, conforme foi enfatizado, muito posteriormente, pelo próprio criador da teoria psicanalítica:

“A característica mais estranha dos processos inconscientes (recalcados), à qual nenhum pesquisador se pode acostumar sem o exercício de grande autodisciplina, deve-se ao seu inteiro desprezo pelo teste de realidade; eles equiparam a realidade do pensamento com a realidade externa e os desejos com sua realização – com o fato – tal como acontece automaticamente sob o domínio do antigo princípio do prazer. Daí também a dificuldade de distinguir fantasias inconscientes de lembranças que se tornaram inconscientes”.⁹

É a partir do abandono da gênese da neurose na sedução traumática, que a fantasia adquire um valor de maior destaque para a teoria psicanalítica. Freud conclui que o conflito patógeno pode desencadear-se a partir de uma fantasia inconsciente e ser trilhado então, um percurso no aparelho psíquico em direção ao sintoma neurótico.

As fantasias revelaram-se a Freud como ficções destinadas a encobrir a sexualidade infantil, mas nem por isso podem ser ditas simplesmente falsidades, já que têm efeitos inegáveis quanto à formação dos sintomas e, em geral, na vida mental dos pacientes. Com o abandono da teoria da sedução, Freud certamente modifica sua forma de trabalhar, mas sua crença arraigada no acontecimento primordial, permanece em certa medida, até o final da obra. Convém citar as palavras de Mezan referentes a essa questão:

“Basta ler o ‘Homem dos Lobos’ para ver com que afincamento ele se atira à reconstrução deste evento fundador que é a cena do coito dos pais, definindo-o em todos os detalhes, da posição dos parceiros à hora em que se teria verificado... O

⁹ FREUD, S., “Formulações Sobre Os Dois Princípios Do Funcionamento Mental” (1911), ESB-1976, vol.XII, p. 285.

mito de ‘Totem e Tabu’ serve a mesma finalidade, e a crença de Freud em sua realidade material é inabalável, como o atesta a retomada dos mesmos argumentos em ‘Moisés e o Monoteísmo’ ”.¹⁰

A busca do acontecimento primordial, segundo Mezan, conduz a um impasse, pois *a origem se furta sempre e só pode ser pensada sob a forma de mito ou fantasia*; por outro lado, nem todas as cenas evocadas no tratamento são fruto de fantasias. Quando Freud defende obstinadamente a realidade da cena primitiva, como no texto de 1914¹¹, não deixa de fazer a ressalva, que nem sempre é possível a verificação, se de fato ela ocorreu ou não.

Para sair do impasse, segundo Mezan¹², ele recorre à filogênese, à noção de **protofantasias** ou **fantasias originárias** - Urphantasiën - em 1917¹³.

“Acredito que essas fantasias primitivas ... constituem um acervo filogenético. Nelas, o indivíduo se contacta, além de sua própria experiência, com a experiência primeva naqueles pontos nos quais sua própria experiência foi demasiado rudimentar. Parece-me bem possível que todas as coisas que nos são relatadas hoje em dia, na análise, como fantasia – sedução por um adulto, surgimento de excitação sexual por observar o coito dos pais, ameaça de castração (ou então a própria castração) – foram em determinada época ocorrências reais dos tempos primitivos da família humana, e que a criança, em suas fantasias, simplesmente preenche os claros da verdade individual com a verdade pré-histórica”¹⁴

Em sua clínica, o pai da teoria psicanalítica, percebeu a existência destas fantasias inconscientes que aparecem invariavelmente nas análises, em todos os tipos de pessoas: **observação do coito dos pais - sedução por um adulto - ameaça de castração**. Ele assim as denominou, por seu conteúdo, reportar-se às origens. As **protofantasias** tratam da origem do sujeito, da sexualidade e da diferença entre os sexos, trazendo em si portanto, um valor estruturante, organizador. Freud se pergunta pela razão da necessidade deste tipo de fantasias: por que elas se apresentam para todo sujeito? Conclui que não há dúvida de que as fontes são as pulsões.

¹⁰ MEZAN, R., “Realidade Psíquica e Realidade Material” in *Freud, Pensador da Cultura*, p. 405.

¹¹ FREUD, S., “História de Uma Neurose Infantil” (1914), E.S.B.-1976, Vol. XVII.

¹² MEZAN, R., “Realidade Psíquica e Realidade Material” in *Freud, Pensador da Cultura*, p. 405.

¹³ FREUD, S., “Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise” - Conferência XXIII (1917): “Os Caminhos da Formação dos Sintomas”, ESB-1976, Vol. XVI, p.419.

¹⁴ FREUD, S., Conferência XXIII- “Os Caminhos Da Formação Dos Sintomas” (1917), ESB-1976, vol. XVI, p.433

À semelhança dos mitos, as fantasias proporcionam uma “solução” para os enigmas com que a criança se depara. Elas dramatizam o que se apresenta como uma realidade de natureza tal, que exige uma explicação.

Laplanche e Pontalis em 1985, referindo-se ao recurso da filogênese, reconhecem em Freud a necessidade de postular uma anterioridade de uma organização significativa em relação à eficácia do evento e do conjunto do significado. “*A pré-história mítica da espécie apontada por Freud, indica uma pré-estrutura inacessível ao sujeito que escapa às suas possibilidades de apreensão...*”.¹⁵ Ou seja, mediante a construção deste tipo de fantasias, a criança cria condições para significar determinadas situações que jamais deixam de se apresentar como enigmáticas para todo sujeito.

2.3

Fantasias como realizações de desejo

Em 1900¹⁶, Freud sustenta como premissa que o sonho, na verdade, é uma mensagem cifrada (chegando a compará-lo à escrita hieroglífica), preconizando então ser possível atingir seu sentido através da interpretação. A interpretação ou decifração através da psicanálise, acaba por revelar os “*pensamentos oníricos*”, que são idênticos aos pensamentos da vida de vigília, mas que se tornaram inconscientes porque foram atraídos por um desejo inconsciente.

Na teoria freudiana, os desejos inconscientes originários da infância permanecem ativos na vida posterior, no entanto, precisam ser articulados aos pensamentos de vigília (dependem dessa conexão com eles) para poderem exercer seus efeitos no sonho. Essa transferência para o atual, é absolutamente necessária para que o desejo inconsciente possa provocar a formação do sonho além de ser, de forma mais ampla, a condição necessária para qualquer forma de expressão ou eficácia desses desejos, que são as **formações de compromisso** ou “*formações do inconsciente*”, como as chamou Lacan.

Ana Rudge, muito nos auxilia na análise desta questão, desenvolvida por Freud nos capítulos VI e VII da “*Interpretação dos Sonhos*”:

¹⁵ LAPLANCHE, J., e PONTALIS, J.-B., “Fantasia Originária, Fantasias das Origens, Origens da Fantasia”(1985), 1988, p. 55.

¹⁶ FREUD, S., “A Interpretação dos Sonhos”, E.S.B.-1976, Vols. IV e V.

“A formação dos sonhos requer a utilização de pensamentos oníricos pertencentes ao pré-consciente, aos quais o desejo terá que se articular, mas a força responsável por sua produção é um desejo do sistema inconsciente. Essa idéia é ilustrada com a sugestiva e conhecida metáfora que designa o desejo inconsciente como “o capitalista do sonho” por ser aquele que provê a quantidade, a energia psíquica indispensável à sua formação”.¹⁷

Continuando com Rudge em sua teorização, o papel do “empresário”, o outro parceiro da metáfora freudiana, caberia ao resto diurno; papel esse sem dúvida importante, que possibilita a veiculação do desejo inconsciente. Freud entretanto, privilegia neste momento, os desejos inconscientes infantis, como o motor da formação dos sonhos.

Neste texto de 1900, o autor confirma serem as fantasias as precursoras imediatas dos sintomas histéricos ou de, pelo menos, grande número deles. Freud equipara a estrutura da fantasia à estrutura do sonho:

“As fantasias como os sonhos, também são realizações de desejos, também se beneficiam de certo relaxamento da censura. Se examinarmos sua estrutura, perceberemos a forma pela qual a finalidade impregnada de desejo, que atua em sua produção, misturou o material do qual foram construídas ; reformulou-o e o constituiu num novo todo”¹⁸

As fantasias, tanto conscientes como pré-conscientes ou inconscientes, assim como quaisquer materiais introduzidos no sonho, também estão sujeitas aos processos de condensação e deslocamento.

Em 1906¹⁹, Freud equipara a fantasia com o drama vivido no teatro:

“Podemos descrever esta finalidade [do drama]... afirmando que se trata de proporcionar fontes de prazer ou de fruição em nossa vida emocional, da mesma forma que, como no caso da atividade intelectual, as anedotas ou brincadeiras abrem fontes semelhantes... muitas das quais aquela atividade tornava inacessível”²⁰.

O autor aproxima o espectador do drama teatral à criança que brinca, desenvolvendo a idéia de que, tanto num caso como no outro, “*o fator primordial é inquestionavelmente o processo de nos livrarmos de nossas próprias emoções, descarregando, e a conseqüente fruição corresponde, por um lado, ao alívio*

¹⁷ RUDGE, A. M., in “As fantasias oníricas, para que servem?”, in *Psyché*, 1999.

¹⁸ FREUD, S., ESB-1976, Vol. V, p. 526.

¹⁹ FREUD, S., “Personagens Psicopáticos No Palco”, ESB-1976, vol. VII, p. 289.

²⁰ Op. Cit., p.321.

produzido por uma descarga completa e, por outro, a uma excitação sexual que se apresenta”²¹.

O teatro, na visão freudiana, ao explorar as possibilidades emocionais acaba proporcionando prazer à platéia, mesmo diante de situações de infortúnio e sofrimento para os personagens. A equivalência estabelecida por Freud em sua obra, entre o teatro, o brincar infantil e a fantasia segue além deste texto.

Em 1907²², numa conferência dirigida a uma platéia em torno de noventa pessoas, o autor retoma a aproximação entre a fantasia e a brincadeira das crianças. Segundo ele, a criança quando brinca cria um mundo próprio ou, dito de outro modo, reajusta os elementos de seu mundo, de modo a poder satisfazer seus desejos. O poeta faz o mesmo, ou seja, cria um mundo de fantasias, que é tratado com muita seriedade, e no qual investe muita emoção, apesar de manter uma nítida separação entre sua criação e a realidade.

Freud nos indica que a própria linguagem preservou essa relação entre o brincar infantil e a criação poética, pois na língua alemã, algumas palavras literalmente relacionam-se aos jogos e brincadeiras infantis²³, como por ex:

Spiel = jogo; tradução literal = formas literárias ligadas a objetos tangíveis e que podem ser representados.

Lustspiel = comédia; tradução literal = jogo de prazer.

Trauerspiel = tragédia; tradução literal = jogo de duelo.

Schauspieler = atores dramáticos; tradução literal = “o que joga no espetáculo”.

O autor considera o brincar como um trabalho psíquico onde o conteúdo essencial é a realização imaginária de um desejo, implicando em um grande dispêndio de energia, tarefa esta levada muito a sério pela criança autora da brincadeira e muito importante para seu desenvolvimento. Ao crescer, as pessoas param de brincar parecendo renunciar ao prazer que obtinham desta atividade, mas na verdade o que parece ser uma renúncia, é a formação de um substituto - a fantasia -; pois, segundo Freud, “*nunca renunciamos a nada, apenas trocamos uma coisa por outra*”.²⁴

Freud coloca a fantasia como herdeira do jogo infantil:

²¹ Ibid..

²² FREUD, S., in “Escritores Criativos E Devaneio”, E.S.B.-1976, Vol. IX.

²³ Na Amorrortu Ed. S.A. –1979, Vol. IX, p. 128.

“A criança em desenvolvimento, quando para de brincar, apenas abdica do elo com os objetos reais; em vez de **brincar** ela agora **fantasia**. Constrói castelos no ar e cria o que chamamos **devaneios**”.²⁵

As fantasias são mais difíceis de serem observadas do que a brincadeira infantil, uma vez que o adulto, em geral, envergonha-se delas, acalentando-as como um bem muito íntimo. As fantasias dos adultos contêm elementos vividos como culpáveis, motivo pelo qual são reprimidas com energia, enquanto a criança, por outro lado, normalmente não oculta sua brincadeira.

O brincar da criança, é determinado pelo desejo de ser grande e adulto, por isso imita nas suas brincadeiras, o que conhece da vida dos mais velhos. Espera-se do adulto, por outro lado, que não continue a brincar, mas que atue no mundo real, onde normalmente envergonha-se de suas fantasias, por serem estas infantis e proibidas. Foi porém a partir do trabalho com os adultos neuróticos, que a psicanálise adquiriu conhecimento sobre as fantasias, pois estes foram obrigados a revelá-las ao médico, por quem esperavam ser curados através do tratamento.

As fantasias variam de acordo com as significações que o sujeito vai construindo ao longo da vida. Freud, neste trabalho, esclarece a relação entre a fantasia e o tempo:

“... É como se ela flutuasse em três tempos... O trabalho mental vincula-se a uma impressão atual, a alguma ocasião motivadora no presente que foi capaz de despertar um dos desejos principais do sujeito. Dali retrocede à lembrança de uma experiência anterior (geralmente da infância) na qual esse desejo foi realizado, criando uma situação referente ao futuro que representa a realização do desejo. O que se cria então é um **devaneio** ou **fantasia**, que encerra traços de sua origem a partir da ocasião que o provocou e a partir da lembrança. Dessa forma o passado, presente e o futuro são entrelaçados pelo fio do desejo que os une”.²⁶

Freud decide pensar o processo criativo do poeta ou romancista, relacionando-o com o trabalho psíquico envolvido, partindo, porém, do que vinha elaborando sobre as fantasias.

“Uma poderosa experiência no presente desperta no escritor criativo uma lembrança de uma experiência anterior (geralmente de sua infância), da qual se

²⁴ Op. Cit., p. 151.

²⁵ Op. Cit., p. 151 (Grifos Originais).

²⁶ FREUD, S., “Escritores Criativos e Devaneio” (1907), E.S.B.-1976, vol.IX, p. 153, (Grifos Meus).

origina então um desejo que encontra realização na obra criativa. A própria obra revela elementos da ocasião motivadora do presente e da lembrança antiga”.²⁷

Referindo-se a esta explicação, Freud *afirma ser a obra literária, tal como o devaneio, uma combinação ou substituto do que foi o brincar infantil*”.²⁸

O adulto costuma ocultar cuidadosamente suas fantasias, porque sente ter razões para se envergonhar delas; mesmo que as comunicasse, seu relato provavelmente nos causaria repulsa. No caso do poeta, porém, ao revelar-nos o que julgamos ser suas próprias fantasias, incita-nos um grande prazer.

Se a escolha do material literário pelo escritor origina-se de suas fantasias e, em última instância, de seus desejos infantis, o que tornaria a obra literária fonte de grande prazer para seus leitores? Freud nos indica que o conteúdo “repelente” das fantasias do autor criativo é submetido a um processo tal, que o torna capaz de provocar-nos um intenso prazer:

“A verdadeira **ars poetica** está na técnica de superar nosso sentimento de repugnância, relacionado sem dúvida às barreiras que separam cada ego dos demais”. “... O escritor mitiga o caráter egoísta de seus devaneios, mediante alterações e disfarces e nos suborna com o prazer puramente formal, ou seja, estético, que nos proporciona a exposição de suas fantasias.”²⁹

Freud equipara esse mecanismo que transforma os conteúdos “repelentes” das fantasias dos autores criativos em prazer, com a teoria do “*prazer preliminar*” e do “*prêmio de estímulo*”, indicada pelo próprio autor na sua psicogênese dos chistes (1905). A principal característica da elaboração do chiste é a de liberar prazer pelo descarte das inibições. A teoria do “*prazer preliminar*” indica que, utilizando o prazer originário dos chistes, como prazer preliminar, pode-se produzir um novo prazer, suspendendo as supressões e recalques, liberando o *nonsense*.³⁰

O prazer preliminar, portanto, sob a forma da obra ficcional, serve como detonador para o prazer derivado do alívio das tensões pulsionais recalçadas, operado a partir da identificação do leitor com as fantasias contidas no texto. Vale reproduzir as palavras de Mezan, relativas a essa questão freudiana:

²⁷ FREUD, S., “Escritores Criativos e Devaneio” (1907), E.S.B.-1976, vol.IX, p. 156.

²⁸ FREUD, S., “Escritores Criativos e Devaneio” (1907), E.S.B.-1976, vol.IX, p. 157.

²⁹ FREUD, S., “Escritores Criativos e Devaneios”(1907), E.S.B.-1976, Vol.IX, p. 158, (Grifos Originais).

³⁰ FREUD, S., “O Mecanismo do Prazer e a Psicogênese dos Chistes” (1905), E.S.B.-1976, Vol.VIII, p. 160-161.

“A metapsicologia da fruição revela assim que o prazer nasce em primeiro lugar da forma engenhosa com que é mascarada a fantasia; mas sua fonte mais profunda reside, exatamente como no caso da frase de espírito, em que o conteúdo de tal fantasia é captado inconscientemente, o que produz a liberação do prazer por meio da remoção das repressões até então vigentes sobre as fantasias correspondentes do leitor”.³¹

Em 1908³², Freud refere-se novamente às fantasias como realizações de intensos desejos originários de experiências passadas. O autor demonstra neste artigo, mais uma vez, como essas estruturas relacionam-se com os sintomas; o ataque histérico, através da clínica, revelou-se a ele como a irrupção involuntária de tais fantasias. As fantasias históricas tanto podem ser inconscientes como conscientes, mas quando estas se tornam inconscientes, podem se tornar patogênicas e serem expressas através dos sintomas neuróticos.

Freud estende-se, neste momento, na explanação das fantasias inconscientes e afirma que elas têm conexões importantes com a vida sexual do sujeito. Chega a afirmar que, em geral, a fantasia inconsciente é idêntica à fantasia infantil que serviu para satisfação sexual no período primitivo do auto-erotismo. Mais tarde, o sujeito tende a abandonar esse tipo de satisfação, mas se não obtém outros meios de satisfação sexual, ficando abstinente, nem tampouco consegue sublimar sua libido, está pronta a condição para que sua fantasia inconsciente reviva, desenvolva-se com todo o vigor, chegando em última instância à forma do sintoma. No caso de uma neurose desenvolvida e persistente há algum tempo, um determinado sintoma pode corresponder à várias fantasias inconscientes.

Em 1914, no “Homem dos Lobos”, Freud continua aproximando as fantasias dos sonhos:

“... Pelo que se podia compreender deles [sonhos], diziam respeito a ações agressivas por parte do menino contra a sua irmã ou contra a governanta, com enérgicas reprovações e castigos por causa dessas ações... Esses sonhos davam a impressão de operar sempre sobre o mesmo material em diferentes formas, a leitura correta dessas reminiscências ostensivas tornou-se segura: só podia ser uma questão de fantasias que o paciente havia elaborado sobre a sua infância, numa ou noutra época, provavelmente na puberdade, e que agora vinham outra vez à superfície sob forma irreconhecível”.³³

³¹ MEZAN, R., “As três Fontes Da Psicanálise” in *Freud, Pensador Da Cultura* (1985), cap.2, p. 231.

³² FREUD, S., “Fantasias Históricas E Sua Relação Com A Bissexualidade”, E.S.B.-1976, vol. IX.

³³ FREUD, S., “História de Uma Neurose Infantil” (1914), E.S.B.-1976, vol. XVII, p. 33-34.

Neste texto, ao relatar o caso trabalhado, Freud defende com perseverança a realidade da cena primitiva, o que terminou provocando importantes críticas por parte de Jung e Adler, de acordo com suas próprias palavras: “*Este caso clínico foi escrito logo após a conclusão do tratamento, no inverno de 1914-15. Nessa época eu estava ainda sob a impressão recente das **reinterpretações torcidas** que C. G. Jung e Alfred Adler se empenhavam para dar às descobertas da psicanálise*”.³⁴ Enquanto de início a importância da pulsão sexual era rechaçada pelos críticos da psicanálise, esses novos adversários reconheciam o valor das conclusões analíticas, porém discordavam da especificidade da sexualidade infantil. Esta referência freudiana, segundo Mezan, se aplica sobretudo a Jung:

“[Jung]... considerava as cenas infantis evocadas durante o tratamento, que segundo Freud teriam sido realmente vividas durante os primeiros anos de vida do paciente, como frutos da elaboração fantasmática, projetada então para os tempos remotos da infância. Isto seria realizado por meio do que denomina **Zurückphantasieren**, ou fantasiar retroativo”.³⁵

As objeções de Jung, ainda segundo Mezan, seguem fielmente a doutrina freudiana onde a noção de “lembança encobridora” (1898) serve de exemplo para o modo como as experiências passadas são reelaboradas ou mesmo reinventadas nas fantasias. Torna-se, portanto, extremamente difícil, se não impossível, discernir entre realidade e fantasia e talvez seja por isso que Freud tenha retornado a esta questão em 1914, na tentativa de preservar ao mesmo tempo a sexualidade infantil e o poder de reelaboração dos conteúdos psíquicos inerentes à fantasia.

Em 1915, Freud retorna à questão das fantasias inconscientes, considerando-as como etapas preliminares tanto dos sonhos como dos sintomas neuróticos, conforme já o havia explicitado em textos anteriores. Diz ele:

“São estruturas altamente organizadas, que não contém contradições em si, mas que se assemelham com as características do sistema consciente; por outro lado podem ser inconscientes e incapazes de tornarem-se conscientes. Apesar do seu alto grau de organização essas fantasias permanecem recalçadas, o que as impede de tornarem-se conscientes”.³⁶

“Essas fantasias aproximam-se da consciência (provavelmente no pré-consciente) e ficam aí até que um investimento libidinal intenso as atinja. Quando uma fantasia

³⁴ Op. Cit., “Observações Introdutórias” - Nota de Rodapé, p. 19 (grifo meu).

³⁵ MEZAN, R., *Freud, Pensador Da cultura*, p. 403.

³⁶ FREUD, S., “O Inconsciente”, E.S.B.-1976, Vol. XIV, p. 218.

desse tipo é altamente catexizada, até um certo grau que a faria irromper na consciência, ela é lançada para trás por ação do Ego”.³⁷

Nesse texto, Freud parece não ter como preocupação primeira a distinção entre fantasias conscientes, pré-conscientes ou inconscientes, mas sim apontar um conteúdo comum entre elas: a satisfação de desejo. Ele nos remete à idéia da comunicação entre os sistemas psíquicos e nos aponta os efeitos que as fantasias provocam no aparelho.

Em 1917³⁸, Freud esclarece ainda mais a relação das fantasias com o sintoma neurótico, a saber: os sintomas neuróticos são resultantes de um conflito que se estabelece no aparelho psíquico, estando em jogo uma nova maneira da libido obter satisfação. A libido insatisfeita, repelida pela realidade intransigente, procura outras vias de satisfação, caso não consiga encontrar um objeto substituto ou a via da sublimação. Essa libido insatisfeita tende a deixar o ego e fugir de suas leis, que regulam a consciência, o acesso à inervação motora e, portanto à própria descarga.

O caminho que a libido toma é um curso regressivo em direção aos objetos internos ou às fantasias inconscientes, que já haviam sido abandonadas. O impulso libidinal relembra “épocas anteriores e melhores”. Nessa regressão, a libido é atraída para pontos de fixação que ficaram ao longo do desenvolvimento, marcas que ficaram no inconsciente e retiveram uma quantidade de libido, como resultado de experiências passadas, das quais o ego já havia se protegido através do recalque. Durante esse percurso regressivo, a libido recatexiza esses pontos de fixação até certo grau de intensidade, o que acaba por provocar no ego, novamente, o processo de recalque secundário.

Eis o conflito patogênico: é a luta de duas forças, ou seja, um impulso inconsciente que sofreu um incremento libidinal e, portanto aspira à satisfação e uma força oposta, que vem do ego e funciona como um contra-investimento. A partir deste ponto, se a objeção por parte do ego for desenvolvida, este não permitirá a satisfação direta, mas apenas a via do sintoma. Em suma, se não houver objeção por parte do ego, não haverá neurose e, nesse caso, a libido chegará a alguma satisfação real. Se há, por outro lado, veto do ego, este impede a

³⁷ FREUD, S., “O Inconsciente”, E.S.B.-1976, Vol. XIV, p. 219.

³⁸ FREUD, S., “Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise”- parte III, E.S.B.-1976, Vol. XVI, Conferência XXIII: “Os Caminhos da Formação dos Sintomas”, p. 419.

descarga libidinal direta e a libido então procura uma forma de expressão disfarçada.

O sintoma assim, aparece como um derivado “distorcido” da realização de desejo inconsciente com a função de conciliar forças mutuamente contraditórias: atende ao ego mas também não deixa de responder ao id. Se o sintoma causa desprazer e sofrimento por um lado, consegue obter uma certa satisfação pulsional (escoamento de libido) por outro, embora essa satisfação seja restrita e mal reconhecida pelo sujeito como tal. Portanto, o sintoma é produto de uma formação de compromisso, tendo a libido seguido um caminho indireto via inconsciente e, finalmente, chegado à descarga real.

Freud reitera que a retração da libido para a fantasia é um estágio intermediário no caminho da formação dos sintomas. A neurose vai depender da dimensão que o veto do ego assume e da excessiva quantidade de libido, ou seja, de uma intensidade suficiente para que o conflito irrompa. A cota de libido represada que uma pessoa é capaz de suportar e também o quanto de libido a pessoa é capaz de desviar dos fins sexuais para o fim sublimado, é o que está em questão neste texto de 1917³⁹

2.4

A fantasia como resíduo do irredutível

Freud, em 1919⁴⁰, se detém no estudo de uma fantasia especial que, segundo suas observações, permanece à parte da estrutura da neurose e está na raiz de todas as relações estabelecidas pelo homem.

“*Nada mais sei sobre isso: estão espancando uma criança*”⁴¹, era o que ouvia em sua clínica a respeito dessa fantasia freqüente no relato dos neuróticos.

Freud parte então para analisar esse tipo de fantasia em seis casos clínicos (quatro femininos e dois masculinos), estendendo-se mais nos casos femininos.

³⁹ FREUD, S., Conferência XXIII- “Os Caminhos da Formação dos Sintomas” (1917), E.S.B.-1976, vol. XVI, p.419.

⁴⁰ FREUD, S., “Uma Criança É Espancada – Uma Contribuição Ao Estudo Da Origem Das Perversões Sexuais” (1919), E.S.B.-1976, Vol. XVII.

⁴¹ Op. Cit, p.227.

Ele afirma que o início da fantasia deve pertencer a um período preliminar da infância e que, provavelmente, ela sofreu um processo de desenvolvimento e restou como um resíduo. Indica-nos que essa fantasia está ligada a sentimentos de prazer, especialmente a uma satisfação masturbatória, e é confessada com muita hesitação, pois provoca sentimentos de culpa e vergonha.

O autor da fantasia não se reconhece de início na cena (não está apanhando e nem batendo). A pessoa que bate, apesar de não ser reconhecida de início, é um adulto. Com o aprofundamento da investigação, segundo a experiência freudiana, esse adulto aparece geralmente como sendo o pai da menina.

Em sua análise Freud divide a fantasia em três fases:

1ª - A fantasia seria ***“meu pai bate numa criança que eu odeio”***. Freud chega a cogitar se nessa primeira fase, ela não resultaria de recordações de eventos que a criança teria testemunhado ou desejos que foram despertados nela em várias ocasiões.

2ª - Nessa fase a fantasia é transformada em ***“sou espancado pelo meu pai”*** e é acompanhada de um prazer intenso de ordem masoquista. O autor diz que esta é a fase mais importante e significativa da fantasia. Na maioria dos casos, jamais teve existência real. Nunca é lembrada e jamais conseguiu tornar-se consciente. ***“É uma fantasia que deve ser construída em análise, mas, nem por isso, é menos uma necessidade”***⁴², afirma ele.

3ª - Fase: ***“provavelmente estou olhando; várias crianças, geralmente meninos na fantasia feminina, estão apanhando”***.⁴³ A identidade de quem bate não é mais o pai: é um substituto do pai, tal como um professor ou sua identidade é indeterminada. Essa fase é acompanhada de uma forte excitação sexual e é um modo de satisfação masturbatória.

As crianças logo percebem que “o apanhar” significa uma privação de amor e uma humilhação. A criança, na sua onipotência imaginária, comumente acredita-se entronada na inabalável afeição dos pais portanto, a idéia do pai batendo numa criança odiada (1ª fase da fantasia) é agradável, independente da cena ter sido vista ou não. Essa idéia significa “meu pai não ama essa outra criança; ele ama

⁴² FREUD, S., “Uma Criança É Espancada – Uma Contribuição Ao Estudo Da Origem Das Perversões Sexuais”, E.S.B.-1976, vol. XVII, p. 232.

⁴³ Op. Cit., p. 233.

apenas a mim”. Podemos perceber que essa fantasia que gratifica o ciúme da criança, tem um lado erótico, mas também comporta um traço sádico.

Neste período do desenvolvimento libidinal, o amor incestuoso escolhe prematuramente um objeto. O desejo de obter uma criança do pai é constante nas meninas, embora elas não saibam como realizar esse desejo. A criança parece estar convencida de que os genitais têm algo a ver com isso e, nesse período, criam conjecturas a esse respeito: são as teorias sexuais infantis. Esses desejos libidinais em relação ao pai parecem uma premonição do que mais tarde serão os objetivos sexuais adultos.

Na altura da fase fálica, os genitais já começaram a desempenhar seu papel no processo de excitação, mas *“chega a época em que esse florescimento prematuro é estragado pela geada. Nenhum desses amores incestuosos pode evitar o destino do recalque”*⁴⁴, nos aponta Freud. A partir daí, com o recalque em curso, esses impulsos libidinais incestuosos são expulsos da consciência, resultando num sentimento de culpa. O amor ao pai sucumbe ao recalque e toda representação psíquica do amor incestuoso torna-se inconsciente. A libido regride para um período anterior, anal-sádico, e o “meu pai me ama” que expressava um sentido genital, devido ao recalque, transforma-se em “meu pai me bate”.

A fantasia de “ser espancado”, segundo Freud, é uma mistura de sentimento de culpa com amor sexual:

“Não é apenas o castigo pela relação genital proibida, mas também o substituto regressivo daquela relação, e dessa última fonte deriva a excitação libidinal que se liga à fantasia a partir de então, e que encontra escoamento em atos masturbatórios. Aqui temos pela primeira vez a essência do masoquismo”.⁴⁵

Nessa segunda fase, a fantasia “de apanhar do pai” tornou-se masoquista. Ela permanece inconsciente, provavelmente em consequência da intensidade do recalque.

Na terceira fase, que é a forma final da fantasia, a criança aparece como um espectador da cena, e o pai surge sob a forma de um professor ou qualquer figura representante de autoridade. A forma permanece sádica, mas a satisfação é masoquista. O significado dessa terceira fase, na teoria freudiana, é que esta parte

⁴⁴ FREUD, S., “Uma Criança É Espancada”, E.S.B.-1976, Vol. XVII, p. 235.

da fantasia assumiu a catexia libidinal da parte recalçada (“meu pai me bate”) juntamente com o sentimento de culpa. As crianças que estão sendo espancadas são substitutos da própria criança e o fato de serem meninos os que apanham indica-nos o protesto viril feminino.

Freud delimita uma tripla ação do recalque, a saber:

- Torna inconscientes as conseqüências da organização genital infantil.
- Obriga essa organização a regredir ao estágio anterior anal-sádico.
- Transforma o sadismo em masoquismo.

O sentimento de culpa opõe-se tanto ao sadismo quanto à escolha objetual incestuosa. Esse sentimento de culpa parece ser semelhante à uma cicatriz e na estrutura do ego instala-se como uma consciência crítica. Mais tarde, em 1923⁴⁶, Freud irá denominá-la **Super-Ego**.

Nesse artigo, o autor ressalta mais uma vez o papel relevante do Complexo de Édipo: “*É o complexo nuclear das neuroses*”.⁴⁷ A sexualidade infantil, que é reprimida no processo de recalçamento, atua como uma força motivadora na formação dos sintomas.

Podemos inferir da explanação freudiana que, dentre as várias conseqüências do complexo de Édipo, uma delas é o mascaramento da fantasia fundamental. Nesta fantasia, o sujeito está sempre numa atitude de submissão em relação a um genitor e, além disso, sempre há por trás da fantasia um conteúdo sexual referente a esse genitor. O recalque atua no sentido de retirar da consciência tanto o aspecto libidinal, como a fantasia em si.

Se por um lado, a fantasia parece a princípio um meio de obter prazer, dado seu caráter imaginário e particular, por outro aponta sempre para uma falta e não deixa de falar do desamparo e da dor.

O caráter masoquista da fantasia fundamental predomina e o princípio do prazer aqui também não vigora, como viria nos revelar Freud mais tarde, em 1920⁴⁸. A fantasia, em vez de ser pensada como tamponamento, sujeita à interpretação e podendo ser revelada, aparece carregando em sua estrutura a marca da pulsão de morte, do irreduzível, do que resta fora de uma articulação possível. Isso implica em uma mudança na direção do tratamento. Se,

⁴⁵ FREUD, S., “Uma Criança É Espancada”, E.S.B.-1976, Vol. XVII, p. 237 (grifos originais).

⁴⁶ FREUD, S., “O Ego e o Id”, E.S.B.-1976, vol. XIX.

⁴⁷ FREUD, S., “Uma Criança É Espancada”, E.S.B.-1976, Vol. XVII, p. 241.

inicialmente, a fantasia inconsciente estava na causa do sintoma, a orientação clínica decorrente dessa teorização consistia em torná-la consciente, procurando assim remover o sintoma.

Com a fantasia de espancamento, em 1919, e com a torção de 1920, trata-se de um outro tempo da clínica freudiana. É o tempo da construção de uma fantasia fundamental na análise e, através dessa construção, da aproximação com o real; esse real que é impossível de dizer. Como sugere Vidal: “... *produz-se uma passagem do acontecimento traumático real ao real indizível do trauma*”.⁴⁹

⁴⁸FREUD, S., “Além do Princípio do Prazer” (1920), E.S.B. -1976, vol. XVIII.

⁴⁹ VIDAL, E., “A Construção do Fantasma”, in *1,2,3,4, número, transferência, fantasma, direção da cura*, p. 99.

3

A FANTASIA EM LACAN

Temos aqui, em (\$\diamond a)\$, o correspondente e o suporte do desejo, o ponto em que ele se fixa em seu objeto, o qual, muito longe de ser natural, é sempre constituído por uma certa posição do sujeito em relação ao Outro. É com a ajuda dessa relação fantasística que o homem se encontra e situa seu desejo. Daí a importância das fantasias.

Jacques Lacan ¹

3.1

A via do matema

Diante das dificuldades e impasses clínicos, decorrentes de uma prática organizada a partir das formações do inconsciente e dirigida ao fim terapêutico dos sintomas, Freud parte para investigar a fantasia em uma outra direção. Em 1919, reduz as fantasias a uma única frase - “Bate-se Numa Criança”- indicando que não mais atribuía prevalência à vertente imaginária das mesmas, as quais são utilizadas pelos sujeitos como compensação às adversidades da vida. Por outro lado, Freud detém-se nesta fantasia especial, que podia ser lida nas análises, porém resultava enigmática para seus pacientes.

Ao perceber a fantasia fundamental em diferentes tipos de organizações psíquicas, tanto neuróticas quanto perversas, e tanto em homens quanto nas mulheres, Freud atribui a ela um valor de base e barreira ao trabalho analítico.

A análise, segundo a própria indicação freudiana, deveria visar sua construção porém não interpretá-la. Esta fantasia desligada do resto da vida psíquica, sobre a qual o paciente nada mais pode dizer, traz para a teoria psicanalítica dificuldades que só uma nova abordagem, como os avanços de Lacan, poderiam desfazer.

¹ O Seminário – Livro 5: “As Formações do Inconsciente”, 1999, Lição XXV-11/06/58, p. 455.

“O fantasma passou a ser o penhor do avanço da psicanálise. Ele exigia a descoberta de soluções: que fazer de sua inércia frente ao trabalho analítico, como Freud já se havia perguntado em seus últimos textos particularmente em ‘Análise Terminável e Interminável?’”²

Lacan constrói então, para esta fantasia fundamental, um matema : $\$ \diamond a$. A via escolhida pelo autor foi a da inovação e também da transmissão racional, uma vez que o matema, expressão advinda da matemática, postula universais ordenando elementos mínimos, compostos de sinais e letras , visando além disso a possibilidade de traduzi-los para qualquer idioma.

É no seminário cinco - “Formações do Inconsciente” (1957-58) - que Lacan introduz o matema da fantasia: $\$ \diamond a$ (sujeito dividido punção de a), apoiando-se principalmente na lógica de Boole (meados do séculoXX) e de Frege (criador da teoria dos conjuntos) para construir essa escritura da fantasia fundamental.

Esse matema relaciona dois elementos heterogêneos: um sujeito barrado ($\$$) ou, dito de outro modo, o sujeito submetido à ordem simbólica e o (a) que na teoria lacaniana aparece com diversos significados, podendo ser correlativo a um objeto imaginário mas também como objeto real impossível, já que é irremediavelmente perdido; objeto causa de desejo.

Relendo “Bate-se numa Criança”, Lacan mostra que o $\$$ relaciona-se ao momento em que surge o sujeito do significante, isto é, o momento quando o sujeito desaparece sob o significante que passa a representá-lo. Esse momento de castração significativa é correlativo ao recalque primário- Uverdrängung -, conceito freudiano, que Lacan escreve colocando a barra sobre o S \rightarrow ($\$$). A causa do sujeito é ao mesmo tempo sua queda, como nos indica o autor em 1960:

Produzindo-se o significante no lugar do Outro ainda não discernido, ele faz surgir ali o sujeito do ser que ainda não possui a fala, mas ao preço de cristalizá-lo. O que ali havia de pronto para falar... , o que lá havia dsaparece, por não ser mais que um significante.³

² BROUSSE, M.H., “A Fórmula do Fantasma? $\$ \diamond a$ ”, in *Lacan*, organizado por Gerard Miller, 1989 p. 80.

³ LACAN, J., “Posição do Inconsciente – no congresso de Bonneval”, (1960 retomado em 64), in *Escritos* –1998, p. 854.

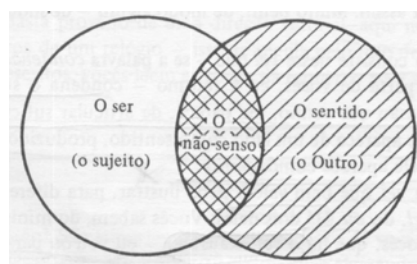
3.2

A constituição do sujeito

Lacan define deste modo, a constituição do sujeito de forma inédita para a psicanálise, a partir de duas operações: **alienação** e **separação** e não a partir de um processo de desenvolvimento que seguiria uma ordem cronológica, atravessando etapas.

Não se nasce um sujeito, pois um sujeito é algo produzido a partir do campo do Outro, é efeito. O infans chega ao mundo já imerso no simbólico e necessariamente será transformado em falante. Através dos cuidados, carícias e mesmo palavras, das pessoas que o cercam, vai ganhando um contorno. Significantes lhe serão transmitidos e através deste processo resultará um sujeito e seu objeto, que todavia não fazem um todo. A relação do sujeito com seu objeto é sempre da ordem do desencontro; pois não há correspondência possível entre sujeito e objeto.

A primeira operação - a **alienação** - seria o resultado da entrada no campo do Outro, do simbólico. Existem dois campos: o do sujeito e o do Outro. No campo do sujeito temos primeiramente um puro ser. O campo do Outro é o do sentido, do falante. Na interseção desses dois campos conseqüentemente está o “nem um, nem outro” que Lacan ilustrou como não-senso ou dito de outro modo, o inconsciente.



A alienação consiste nesse tipo de operação que condena o sujeito a se constituir apenas como dividido, ou seja: se escolhermos o ser, o sujeito desaparece, nos escapa, cai no não senso. Se por outro lado escolhermos o sentido, este só subsiste decepado desta parte de não senso.

Este tipo de estrutura utilizada por Lacan, é a estrutura do vel, retirada da Lógica Matemática. A estrutura do vel ou “lógica do ou” implica na disjunção entre dois termos, podendo ser de três tipos, a saber:

1º tipo – o vel excludente: “Eu vou para lá ou para cá”. Neste tipo de proposição há necessidade de uma escolha e qualquer que seja esta, é exigida a exclusão da outra alternativa.

2º tipo – o vel inclusivo ou amplo: “Vou viajar com passaporte ou carteira de identidade”. Tanto faz a alternativa que se escolha, pois em qualquer hipótese nada se perde.

3º tipo – o vel que se situa na **reunião** entre dois conjuntos. É importante ressaltar que **reunião** é diferente de adição. Na lógica dos conjuntos, o resultado da reunião seria contar os elementos exclusivos de um conjunto, mais os exclusivos do outro e também os elementos comuns a ambos, com o cuidado de não contá-los duas vezes. A reunião comporta então que, seja qual for a escolha que se opere, haverá conseqüentemente alguns que são *nem um, nem outro*, de tal modo que não se perde apenas o não escolhido; pois o que se escolhe vem decepado de uma parte. Qualquer que seja a escolha aí, portanto, implica sempre numa perda. Este último tipo de vel foi o que Lacan utilizou para ilustrar a operação de alienação.

“... O vel que dizemos de alienação só impõe uma escolha entre seus termos ao eliminar um deles, sempre o mesmo, seja qual for esta escolha. O que está em jogo limita-se, pois, aparentemente, à conservação ou não do outro termo, quando a reunião é binária.”⁴

Esse “ou” alienante não é uma arbitrariedade; Lacan faz uma analogia com a expressão utilizada na linguagem do tipo “a bolsa ou a vida”. Trata-se de uma “**escolha forçada**”, diz Lacan, pois, de que vale a bolsa sem a vida? Este autor foi buscar em Hegel, a justificativa desse apelo ao vel alienante, que se presta muito para ilustrar o modo como o ser humano entra no mundo pela via da escravidão.⁵

O sujeito, portanto, na sua constituição ou escolhe a vida ou escolhe a liberdade. Se escolher a vida, tem a vida amputada de liberdade e se escolhe a liberdade, perde as duas imediatamente. Enfim, o sujeito tem que escolher a vida, ou seja, o sentido e entrar na função significante do campo do Outro, ao preço de permanecer como puro ser vivente, vegetando, como no caso de certas patologias graves (autismos precoces talvez). Mas escolher a vida, implica sempre numa perda e é assim que tudo começa. Na verdade não temos escolha...

⁴ LACAN, J., “Posição do Inconsciente” (1960), in *Escritos*- 1998, p. 855.

⁵ LACAN, J., *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1964), 1988, p. 201.

A presença de um Outro é fundamental, afinal é do Outro que necessariamente virá a *Bejahung*, como indicado por Freud em 1925⁶, para abrir as portas do sentido ao ser (o infans); embora essa *relação do sujeito ao Outro se engendre por inteiro num processo de hiância*, como nos aponta Lacan⁷.

A esse primeiro desaparecimento, que corresponde à entrada no campo do Outro, Lacan vai nomear “**afânise**”. Este termo ele tomou de Ernest Jones - *fading* - . Jones utilizava-se dele para falar do desaparecimento do desejo, Lacan por sua vez, prefere dizer que é o próprio sujeito que desaparece.

Esta operação, **alienação**, é responsável pela primeira divisão do sujeito. Todo ser falante já perdeu a sua parte de ser, que é o que vai funcionar como causa para a busca da recuperação desta parte.

Tomemos a segunda operação: **a separação**. Separar tem sua origem no latim - *separare* - mas, diz Lacan: “*conclui-se aqui em se parere*”, *gerar a si mesmo* [parir-se].” Lacan faz um jogo de palavras - *separare e se parere* - para apontar que com a separação fecha-se o processo de causação do sujeito.

“Aqui é por sua partição que o sujeito procede a sua parturição. ... Nada na vida de ninguém desencadeia mais empenho para ser alcançado.”⁸

O sujeito já no campo do Outro e já dividido pelo significante, vai experimentar “*outra coisa a motivá-lo que não os efeitos de sentido com que o discurso o solicita; ele se depara efetivamente com o desejo do Outro, antes mesmo que possa sequer chamá-lo de desejo, e muito menos imaginar seu objeto*”⁹. Agora não se trata mais da cisão do sujeito causada pela incidência do significante; trata-se da cisão referente ao objeto, que funcionará como causa de desejo.

É no seio do Outro que o sujeito terá notícias da castração deste Outro, de algo que lhe falta e este momento corresponde à descoberta de que o Outro é desejante, pois onde há falta, há desejo. Nos intervalos do discurso do Outro, surge na experiência da criança: *ele me diz isso, mas o que é que ele quer de mim?* Neste intervalo entre significantes, que faz parte da estrutura, está a falta que causará metonimicamente o desejo.

⁶ FREUD, S., “A Negativa” (1925), ESB-1976, vol. XIX.

⁷ LACAN, J., *Os Quatro Conceitos Fundamentais Da Psicanálise*, Cap. XVI, p. 196.

⁸ LACAN, J., “Posição do Inconsciente” (1960), in *Escritos*- 1998, Jorge Zahar Ed., p. 857.

⁹ LACAN, J., “Posição do Inconsciente” (1960), in *Escritos*- 1998, Jorge Zahar Ed., p. 858.

“É de lá que se inclina, é lá que se desliza, é lá que foge como o furão, o que chamamos desejo. O desejo do Outro é apreendido pelo sujeito naquilo que não cola, nas faltas do discurso do Outro ...”¹⁰

O curioso, é que a primeira resposta do sujeito ao suposto desejo parental, é sua própria perda. Diz Lacan: “*O primeiro objeto que ele propõe a esse desejo é sua própria perda – Pode ele me perder? A fantasia de sua morte, de seu desaparecimento, é o primeiro objeto que o sujeito tem a pôr em jogo nessa dialética...*”.¹¹

Uma falta recobre a outra e a estrutura lógica que representa esta operação de separação na lógica simbólica, é a da interseção: o que há em comum é a falta do sujeito e a falta do Outro.

Na saída dessa segunda operação, ao se separar, o sujeito leva consigo um pedaço, que é a própria interseção das duas faltas – o objeto a - objeto que funcionará como causa do seu desejo. É preciso se separar para se defender do significante sob o qual o sujeito sucumbe . Em outros termos, é dessa mãe primordial que o sujeito tem que se separar para se parir. O resultado dessa segunda operação não apenas encerra o resultado da primeira, mas coloca o sujeito, agora dividido, no tempo da fantasia fundamental: $\$ \diamond a$.

“O sujeito estruturalmente não sabe o que ele deseja. O fantasma indicando como gozar, dá uma resposta ao desejo e oculta sua nesciência originária, vindo ao sujeito sempre do Outro.”¹²

3.3

$\$ \diamond a$: Construção axiomática

Retornemos à fórmula da fantasia fundamental: $\$ \diamond a$. Este matema conjuga uma relação entre dois elementos heterogêneos : um (\$) sujeito barrado que, desde sua utilização por Lacan como signo, situa o sujeito na ordem simbólica, correlato a um objeto (a) que tomará diversos valores – um decorrente da abordagem

¹⁰ LACAN, J., *Os quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*, 1985, cap. XVI, p. 203.

¹¹ Ibid.

¹² BROUSSE, M. H, “A fórmula do fantasma? $\$ \diamond a$ ”, in *Lacan* (livro organizado por Gérard Miller), 1989, p.86.

imaginária da fantasia faz dele objeto imaginário e outro que o situa no real, ou seja da ordem do impossível, já que perdido.

Esta construção lacaniana tem a função de estabelecer um texto que conta a história do sujeito, onde o mesmo está sempre numa posição de submetimento, de humilhação, à mercê do Outro. Trata-se da divisão irremediável de todo sujeito falante que Lacan teorizou através das operações de alienação e separação, como vimos.

Como construção axiomática, a fantasia fundamental não foi, entretanto, arrolada por Lacan como um conceito fundamental da psicanálise, tal como os quatro termos introduzidos por Freud – o inconsciente, a repetição, a transferência e a pulsão –, e retomados por ele no seminário 11. Mas à medida que o ensino de Lacan avançava, sua importância foi se acentuando. A construção da fantasia fundamental e sua dita travessia, foram se evidenciando como a alternativa lacaniana para o término da análise, em detrimento de uma teoria do fim de análise restrita apenas a eliminação dos sintomas, ou mesmo à adaptação, da maneira pós freudiana¹³.

É no texto “Kant com Sade” (1962) dos Escritos que Lacan dá toda sua amplitude à relação da fantasia com o sujeito. Este texto, que considero como um momento privilegiado do ensino de Lacan referente ao tema da fantasia fundamental, tanto na neurose como na perversão, representa o avanço propriamente dito do autor em relação à teorização freudiana, que chegou ao seu limite, no tocante a este assunto, em 1919.

Um parêntese aqui se faz necessário: este trabalho restringe-se à análise da fantasia fundamental na neurose e na perversão, estando portanto a estrutura da psicose excluída. A psicose tem sua especificidade e exige um outro caminho. Como não há Bejahung (afirmação) inicial, o mecanismo operador é a Verwerfung (rejeição em Freud e forclusão em Lacan), resultando numa abolição do Nome-do-Pai e uma não separação do Outro original, a mãe. Não há resto e o regime é do gozo e não do desejo. A castração do Outro não entra em

¹³ BROUSSE, M. H, “A fórmula do fantasma? $\$a$ ”, in *Lacan* (livro organizado por Gérard Miller), 1989, p.90.

vigor fazendo com que não se possa falar em construção da fantasia, pois o destino é outro.¹⁴

3.4

A fantasia no “Kant Com Sade”

A experiência nos mostra que Kant é mais verdadeiro, e eu provei que sua teoria da consciência, como ele escreve da razão prática, só se sustenta ao dar uma especificação da lei moral que, examinada de perto, não é outra coisa senão o desejo em estado puro, aquele mesmo que termina no sacrifício, propriamente falando, de tudo que é objeto do amor em sua ternura humana – digo mesmo, não somente na rejeição do objeto patológico, mas também em seu sacrifício e em seu assassinio. É por isso que eu escrevi *Kant com Sade*.

Jacques Lacan¹⁵

3.4.1

Lacan aproxima o filósofo do escritor libertino

Enquanto Freud partiu da sua experiência clínica para escrever o texto paradigmático da fantasia neurótica em 1919¹⁶, Jacques Lacan por sua vez remete-se à obra de Kant e à literatura libertina do Marquês de Sade, para elaborar seu principal texto a propósito da fantasia fundamental na neurose e na perversão¹⁷, uma vez que este trabalho permite diversas articulações partindo da essência da fantasia.

O instigante “Kant com Sade” foi escrito em setembro de 1962 chegando, porém, a ser efetivamente publicado apenas em abril de 1963. A intenção do autor era prefaciá-lo, organizada por Jean Jacques Pauver, das obras completas de Sade; no entanto o texto foi recusado por duas vezes por editores franceses, que o consideravam incompreensível¹⁸.

¹⁴ TOLIPAN, E., dissertação de mestrado: *A Estrutura da Experiência Psicanalítica*, UFRJ-1991.

¹⁵ Seminário 11 – *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1964), 2ª edição brasileira corrigida-1985, cap. XX, p.260.

¹⁴ FREUD, S., “Uma Criança É Espancada – Uma Contribuição ao Estudo da Origem das Perversões Sexuais”, ESB-1976, vol. XVII.

¹⁷ J. A. Miller chega a afirmar que “Kant com Sade” é o texto lacaniano paradigmático da fantasia, in *Lacan Elucidado*, p. 154.

¹⁸ MILLER, J., Op. Cit., p. 157.

Finalmente o texto foi aceito pela revista “Critique”, considerada fonte de referência da intelectualidade parisiense, onde escreviam: Bataille, Foucault, Blanchot e outros.

Esse escrito lacaniano, traz a marca da celeuma não apenas em função das dificuldades por ocasião da publicação, em consequência de sua complexidade, mas também devido a paradoxal aproximação entre o pensamento de Kant com as idéias contidas nos romances sadeanos.

Kant foi o representante do pensamento moral com todo seu rigor, enquanto Sade assumiu claramente a posição de um libertino. O libertino do fim do século XVIII pretendia não se submeter ao discurso dominante, às crenças do cristianismo e à regulamentação dos costumes decorrentes dele.

“Os libertinos destronaram Deus em favor da Natureza e tentaram mudar valores deslocando a vontade do saber para a verdade do corpo. A denúncia contra a religião deu-se a partir da constatação da impotência do mito da criação divina para dar conta da causa do universo, do porquê do ser e do gozo”.¹⁹

Filosoficamente, Sade e Kant eram também adversários: Sade descendia da tradição empirista que começa com Locke na Inglaterra e continua na França com a filosofia materialista-empirista. Essa corrente de pensadores²⁰ privilegiava o conhecimento da experiência sensível, a luta contra os preconceitos, e contra o poder da ideologia religiosa. Kant, por outro lado, construiu todo seu pensamento contra o empirismo, portanto, contra a tradição na qual Sade se inseria.

Esta incompatibilidade entre ambos foi questionada por Lacan, que ousou propôr não apenas uma aproximação, mas, além disso, uma relação de complementaridade entre eles, articulando inclusive suas idéias com certas noções da psicanálise de Freud.

Anteriormente a Lacan, dois expoentes da escola de Frankfurt- Adorno e Horkheimer- já haviam desenvolvido uma confrontação entre o pensamento de Kant e a literatura de Sade, embora com uma leitura bem distinta.

Esses representantes da Teoria Crítica, preocupados com as atrocidades do nazismo, em nome de uma “racionalidade hitleriana”, escrevem o texto “*Dialética do Esclarecimento*”²¹, durante a segunda guerra mundial. Tais filósofos

¹⁹ ANDRÉ, S., *A impostura Perversa* p. 21.

²⁰ Holbac, Diderot, D’alembert e outros. Holbac, autor do *Sistema da Natureza*, foi uma referência freqüente na obra de Sade.

²¹ ADORNO, T. W. & HORKHEIMER, M. (1944), J. Zahar Ed..

criticaram a recusa do patológico²² da moral kantiana, denunciando como consequência desse formalismo apático, a atuação dos personagens libertinos de Sade, com sua vontade de gozo deliberada. Segundo A. Rudge: “...É, fundamentalmente, pela promoção da apatia - que justifica a ausência de remorsos - que os autores aproximam a lei moral kantiana aos heróis sádicos, assim como ao oficial nazista que cumpre apaticamente o seu nefasto dever”²³.

Kant promoveu uma revolução filosófica equiparada à revolução de Copérnico, como ele próprio faz referência no prefácio da *Crítica da Razão Pura* (1781)²⁴.

Do mesmo modo como Copérnico inverteu o modelo tradicional do cosmo, mostrando ser a terra que girava em torno do sol, Kant em relação ao conhecimento, defende que não é o sujeito que se orienta pelo objeto, como quis a tradição, mas o objeto é que é determinado pelo sujeito²⁵.

Antes da filosofia de Kant, a tese que vigorava no domínio da Ética era de uma convicção profunda na “bondade natural do homem”. O bem era o centro de referência e o sujeito tinha que se aproximar dele. Caso escolhesse o caminho do mal, seria por falta de conhecimentos sobre o bem. Bem e felicidade eram indissociáveis.

Na *Crítica da Razão Prática*, Kant coloca no lugar de um bem pré-existente ao sujeito e que o determinaria, a razão que legifera. A lei em Kant, preexiste ao bem. Essa lei como imperativo categórico ou, dito de outro modo, como “voz da consciência”, no pensamento kantiano, seria algo inerente à própria natureza humana. Para se chegar ao **Bem** (o bem moral) o homem deveria seguir sua voz interior, a voz da consciência. Todos portanto saberiam *à priori* o que é o bem ou o mal. A lei em si colocar-se-ia sem uma referência a um bem exterior, a um objeto.

Sade, por sua vez, veio inaugurar uma posição de subversão apontando que pode haver “felicidade no mal”, que podemos ficar bem longe do Bem. Com isso rompeu com dois mil anos de filosofia, pois até então o que vigorava no pensamento ético era que: ficamos bem seguindo o Bem. Essa virada estendeu-se

²² No sentido de que “*pathos*” em grego é todo tipo de sentimento, afetividade.

²³ RUDGE, A. M., “Versões do Supereu e Perversão”, p.15.

²⁴ KANT, E., *A Crítica da Razão Pura* – Biblioteca do Pensamento Vivo, Martins Ed.-S. Paulo 1967, p. 47.

através do século XIX abrindo caminho às idéias de Freud. Esta revolução foi possibilitada por Kant, que separou o Bem moral da felicidade. É desse modo que Lacan inicia o famoso *Kant com Sade*, fazendo uma referência à psicanálise.

Kant para isto utiliza significantes da língua alemã, a saber: O **wohl** é o bem do princípio do prazer, do bem-estar; o **wohl** é que determina o sujeito patológico. Quando Kant refere-se ao sujeito da Razão Pura, ele substitui o bem-**wohl** pelo bem - das **Gute**²⁶. A partir do momento em que o sujeito submete-se a lei moral, o que ele vai encontrar é o bem **das Gute**, objeto da lei moral, que implica na falta completa de objetos. O **wohl** refere-se a satisfação empírica, dos sentidos (olhos, tato, gosto, etc.), pertence ao campo dos fenômenos e inclui os objetos. Kant conclui, que todos os objetos que podem proporcionar prazer ao homem variam de acordo com a singularidade em relação aos sentidos, portanto, não haveria uma lei de tal bem que pudesse ser enunciada, já que a **universalidade** é necessária, em Kant, para a instauração de uma lei moral.

O Bem da moral, resultado do cumprimento do imperativo categórico, além de excluir quaisquer objetos e, portanto, os bens incertos que esses objetos possam proporcionar, impõe-se como princípio superior por seu valor universal.

Para Kant, seguir o Bem moral seria próprio da natureza humana e levaria o homem a uma satisfação. Essa relação do sujeito com a lei, desprezando os bens do prazer, produziria uma espécie de amor-próprio, de respeito (*selbstsucht*). Em Kant o respeito é o único sentimento que é tolerado entre os sujeitos da lei moral.

A lei moral kantiana, é obtida a partir da razão do sujeito. Para que uma máxima sirva de lei é necessário que na experiência de tal razão, ela possa ser aceita como universal, ou seja, valendo para todos. Eis a Lei Fundamental da Razão Prática Pura:

“Age de maneira tal que as máximas da tua vontade possam sempre, ao mesmo tempo, servir como princípios de legislação universal”.²⁷

O sujeito kantiano, enquanto ser determinado pela razão, coloca-se como autor, executor e objeto sujeitado à lei; tem papel indissociável e tríplice. A razão

²⁵ MARCONDES, D., *Iniciação à História da Filosofia – dos Pré-Socráticos a Wittgensten*, p.209.

²⁶ GROSRIKARD, A., seminário realizado na USP sobre “Kant com Sade” de 17/02 a 23/02 de 1990 (inédito), anotações de aula.

²⁷ KANT, E., *A Crítica da Razão Prática*, Biblioteca do Pensamento Vivo, 1967, p.104.

não depende de nenhum tipo de experiência, pois se trata de um conhecimento *a priori*. Kant desenvolve essa questão na *Crítica da Razão Pura*, colocando a matemática e a física como paradigmas do pensamento mais além dos limites de uma experiência.

Em Kant, haveria um sistema de moralidade pura que serviria de referência à experiência. A formulação de uma ética de princípios *a priori*, que mantenha o caráter universal, exige o abandono das relações com os objetos, da referência aos bens e ao prazer. Na *Crítica da Razão Prática*, Kant diz que as regras para a ação humana, são de caráter universal e à revelia dos objetos e sentimentos. Devemos somente ouvir a voz da consciência. Basta agir de tal modo que qualquer homem deva e possa fazê-lo. A Lei Fundamental da Razão Prática Pura, máxima kantiana, não concerne a nenhum objeto específico e é como se esse dito lógico não viesse de nenhum lugar, como se fosse dito a partir de si mesmo.

Lacan vem mostrar que a obra de Sade, ironicamente, segue à risca os critérios kantianos para justificar as posições da antimoralidade. Ao seguir a moral, o sujeito necessita abdicar de seus interesses afetivos em suas ações, o que implica que o submetimento à moral vem sempre acompanhado por um sentimento de dor, ou seja, somente por dever é que se obedece a lei moral.

“...Por conseguinte podemos ver *a priori* que a lei moral como princípio de determinação da vontade, pela mesma razão que ela causa danos a todas as nossas inclinações, deve produzir um sentimento que pode ser chamado de dor. E este é o primeiro e talvez o único caso em que nos seja permitido determinar, por conceitos *a priori*, a relação de um conhecimento que vem deste modo da razão pura prática, com o sentimento do prazer ou da dor”.²⁸

Lacan aproxima Kant de Sade e vai apontar nas histórias do Marquês, as mesmas categorias kantianas em ação. No seminário da *Ética* (1959-60), anteriormente a esse escrito, portanto, o autor já vinha identificando certa proximidade entre o filósofo e o escritor libertino:

“Em suma, Kant tem a mesma opinião de Sade. Pois, para atingir absolutamente das Ding, para abrir todas as comportas do desejo, o que Sade nos mostra no horizonte? Essencialmente a dor. A dor de outrem e, igualmente a dor própria do sujeito, pois são, no caso, apenas uma só e mesma coisa. O extremo do prazer, na medida em que consiste em forçar o acesso à Coisa, nós não podemos suportá-lo”.²⁹

²⁸ KANT, E., *Crítica Da Razão Prática*, cap. Terceiro: “Dos Impulsionadores Da Razão Pura Prática”, p. 76.

²⁹ LACAN, J., Livro 7- *A Ética da Psicanálise* (1959-1960), 1997, cap. VI: “Da Lei Moral”, p. 102.

3.4.2 – A máxima sadeana

Lacan constrói então uma máxima sadeana, que nortearia todo o pensamento em vigor no romance “*A Filosofia Na Alcova*” de Sade, como um artifício para fazer sua crítica a Kant. Esta máxima sadeana, construída pelo autor, ironicamente mantém as mesmas características da lei moral kantiana, ou seja: uma **lei sem objeto** que determina o sujeito de um modo **universal** e **fora de todo interesse patológico**. Eis a máxima:

“Tenho o direito de gozar do teu corpo, pode dizer-me qualquer um, e exercerei esse direito, sem que nenhum limite me detenha no capricho das extorsões que me dê gosto de nele saciar”.³⁰

Essa é a regra à qual se pretende submeter a vontade de todos os personagens da “*Filosofia Na Alcova*”. O próprio Lacan aponta o absurdo de uma máxima deste tipo: “*Humor negro na melhor das hipóteses para qualquer ser sensato, ao tornar a partir da máxima para o consentimento que nela se supõe*”, diz Lacan.³¹

Não seria possível fazer vigorar uma lei desse tipo numa sociedade, pois apesar de manter coerência, segundo as categorias kantianas, esta lei contém uma antinomia em si mesma. A máxima sadeana, assim como a máxima kantiana, ao rejeitar o patológico implica na rejeição de qualquer tipo de consideração ou compaixão, tais como piedade ou simpatia, pela vítima. A rejeição do patológico a esse ponto, desprezo pela dor e pelo prazer, tem limites; limites vitais, já que pode conduzir à morte. É justamente porque se trata de uma máxima de caráter universal à priori, que não poderá ter realização possível.

Lacan segue aproximando Sade de Kant e vai mostrar que, na máxima sadeana, os dois imperativos - **rejeitar o patológico** e **seguir a vontade** - são impostos por um Outro e não simplesmente por nós mesmos.

Para Kant não existe o Outro, só existe o “eu mesmo” da lei moral. Kant explica que a **Lei Fundamental da Razão Prática Pura** (Age de maneira tal...) é

³⁰ LACAN, J., “Kant com Sade” in *Escritos*, p. 780.

³¹ Op. Cit., p. 780.

uma enunciação do próprio sujeito, de foro interior e não uma voz que vem de fora, do lugar de Outro. Lacan, por sua vez, vai nos mostrar que, na sua máxima sadiana o Outro não só está presente, como também é ele que nos impõem os imperativos contidos na máxima (“*Tenho o direito de gozar...*” e “*sem que nenhum limite me detenha...*”). Essa idéia correlaciona-se diretamente ao conceito de **Supereu** desenvolvido na teoria psicanalítica de Freud. Trata-se de uma divisão narcísica, uma divisão estrutural fundamental onde o sujeito não é apenas ele mesmo mas também um Outro. Lacan denuncia atrás da aparente unidade do sujeito kantiano, o sujeito dividido que aparece ao mesmo tempo no lugar do Outro e no lugar da subjetividade singular.

Quando Lacan articula a construção de sua máxima através de Sade, ele enfatiza as suas equivalências com a máxima kantiana (a Lei Fundamental da Razão Prática Pura). Porém, na máxima sadeana, aparece claramente o que se esconde na máxima kantiana, ou seja: **a divisão do sujeito**. Em Kant não há divisão do sujeito, pois tudo na sua obra é construído para mascarar a divisão. A máxima sadeana, pelo fato “*de se pronunciar pela boca do Outro, é mais honesta*”³² do que a máxima kantiana, que recorre à “voz interior”. A “*boca do Outro*” está presente na máxima construída por Lacan: “... **pode dizer-me qualquer um...**”

O discurso do direito ao gozo instaura um Outro livre que se arroga o direito de subjugar ferozmente, através de coerção, seu semelhante – o outro -. O difícil, diz Lacan³³, não é tanto a violência da coerção presente no discurso do direito ao gozo; a maior dificuldade é não dizer **sim** ao suposto direito do Outro, ao gozo. Isto é: em sua estrutura, o sujeito humano procura um mestre para que sua vontade seja feita. Esta é a própria posição do sujeito na fantasia fundamental - **submissão em relação a um Outro** - e o difícil é sair dessa posição. Esse Outro que coloco fora de mim é também meu próprio desejo, por isso me submeto. O sujeito é, ao mesmo tempo, sujeitado e autor de sua própria sujeição. A dificuldade está em reconhecer que essa liberdade absoluta conferida a um Outro fora de si, é sua

³² LACAN, J., “Kant com Sade”, p.782.

³³ Op. Cit., p. 782

própria liberdade; é difícil por que ficar livre, sem a direção do mestre provoca angústia.³⁴

O sujeito é ignorante da essência do seu ser, colocando a questão para o Outro (quem sou eu?), para que ele lhe responda “és isso...”. Esse “**tu és**”³⁵ da parte do Outro é equivalente a uma desapareção do sujeito como tal ou, dito de outro modo, o sujeito desaparece, em termos estruturais, no momento em que se faz objeto do desejo do Outro.

Lacan, teorizando sobre esse gozo que se visa no Outro, indica a precariedade desta posição; pois ao se fazer suporte do gozo do Outro, conseqüentemente, o sujeito vai desaparecendo sob os tormentos. A posição estrutural do sujeito, em sua fantasia fundamental, portanto, é fazer existir um Outro que possui uma liberdade absoluta, uma “*horível liberdade*”³⁶, em oposição ao próprio Eu do sujeito que se submete. Podemos identificar neste ponto uma certa similaridade entre o caráter dessa construção lacaniana, com a irracionalidade e crueldade que o supereu pode assumir, como já fora anteriormente evidenciado por Freud em 1923³⁷ e 1924³⁸.

3.4.3 – O objeto causa de desejo

Lacan segue no sentido de apontar o objeto que faltaria na experiência moral de Kant. Esse objeto, que garantiria a vontade de se cumprir à lei, Kant remete a um Bem supremo. Este objeto transcendental, impensável nas categorias do conhecimento, segundo Kant, pertence ao registro do *noumenon*, da coisa em si – *das Ding* -. Para Lacan este objeto, impensável no dizer de Kant, ao contrário encontra-se representado na experiência sadéana, tal como o agente do tormento (o verdugo ou o sádico).

Ao colocar o carrasco ou verdugo como objeto, Lacan inverte a concepção tradicional do sadismo: para este autor, a vítima que se submete ao carrasco, é que é na verdade o sujeito, no sentido daquele que porta a divisão, que fica com a

³⁴ Grosrichard desenvolve bem essa questão interpretando Lacan com muita clareza em seu seminário.

³⁵ Lacan joga com a homofonia do “*tu es*” (tu és- em português) e “*tuer*” (matar- em português).

³⁶ LACAN, J., “Kant com Sade”, p. 783 .

³⁷ FREUD, S., “O Ego E O Id” (1923), ESB-1976, vol. XIX, p. 70-71.

angústia. O agente da cena sádica, por sua vez, embora não saiba, é o objeto no sentido de ser o instrumento de gozo de um Outro.

O **objeto causa de desejo** revela-se com Lacan, apesar de conservar a opacidade do transcendente; pois esse objeto *é estranhamente separado do sujeito*³⁹, tratando-se de um objeto que se furta a qualquer determinação da estética transcendental, tal como uma voz. Lacan faz uma referência a uma voz no rádio que convocava os franceses, a um suplemento de esforço em prol da revolução de 1789: **“Franceses, um esforço a mais se quereis ser republicanos”**.

Este apelo, que constava também em panfletos revolucionários deste período, encontra-se textualmente presente no livro *“A Filosofia Na Alcova”*, antecedendo a preleção do personagem Mirvel sobre a religião⁴⁰. Na tentativa de sustentar a defesa dos ideais da revolução francesa, Sade aponta a necessidade de neutralização do poder da Igreja Católica, subvertida e denegrada em sua escrita, por ser tomada como uma ameaça aos objetivos republicanos.

Ao equiparar o **objeto causa de desejo** à uma voz que vem não se sabe de onde, Lacan está dizendo que esse objeto pode ser percebido; pois uma voz tem uma dimensão fenomenal, apesar do objeto **voz** não se reduzir a essa dimensão. Kant também se refere a uma certa voz: a “voz da consciência”, mas por outro lado, enfatiza na sua definição do sujeito moral, a inexistência de qualquer objeto em sua “vontade boa”. O objeto moral, o Bem, na filosofia de Kant, não é um objeto fenomenal, é uma posição subjetiva.

A tese de Lacan é mostrar, através da fantasia sadeana, que há sim um objeto na ética kantiana, porém um objeto que não é o da experiência; é de uma outra ordem diferente da ordem fenomenal. Segundo Miller, Lacan quer mostrar que é a partir desse objeto escondido que podemos conseguir abrir mão da experiência e de nossas inclinações. Que há um objeto, *é o objeto pequeno a*⁴¹.

Lacan aponta, em Kant, o objeto da lei moral remetendo-o à figura de Deus, como aquele que impõe o sacrifício aos homens. Se a moral kantiana foi aceita, é porque se inscreve numa tradição cristã, onde os sujeitos estão acostumados a se sacrificarem em favor de um Outro; onde o que o cristão tem diante dos olhos, finalmente, é a imagem do sofrimento do filho em favor do Pai.

³⁸ FREUD, S., “O Problema Econômico do Masoquismo” (1924), ESB-1976, Vol. XIX, p. 209.

³⁹ “Kant com Sade”, p. 783.

⁴⁰ SADE, MARQUÊS DE, *A Filosofia Na Alcova*, p. 143.

É no lugar do Outro, do Deus místico, que Kant propõe a lei. Para Sade, por outro lado, não existe Deus, em seus textos Deus é substituído pela Natureza. Quando se refere a Deus Sade diz: “*um ser supremo em maldade*”.

Lacan situa a presença do objeto, na fantasia sadéana construída por ele - $a \diamond \$$ -, na verdade uma inversão do matema da fantasia fundamental - $\$ \diamond a$ - onde a punção “ \diamond ” se lê “desejo de”, devendo ser lido em ambos os sentidos porém, tendo como característica uma não-reciprocidade absoluta.⁴² O autor visa com essa construção, apontar o objeto que estaria “escondido” em Kant.

Lacan utiliza a expressão “*fetiche negro*” quando o gozo se petrifica no objeto e é justamente aí, que ele situa o carrasco da experiência sadéana: na posição de objeto que completa o Outro, como o sapato para o fetichista.

O “*negro*” que adjectiva o fetiche, neste texto lacaniano, remete-nos à morte e ao luto, temas coerentes com o cenário sadéano, tal como no livro “*Os 120 Dias de Sodoma...*”, onde Sade colore de negro a noite e os subterrâneos, por onde circulam seus personagens. Convém lembrarmos também, que no teatro fetichista, a cor negra classicamente é associada aos pêlos pubianos, que seria a última imagem fixada pelo menino ao deparar-se com a castração materna.

Desde Freud sabemos que o mecanismo característico que opera na perversão é a *Verleugnung* – *recusa da castração materna*. Dito de outra maneira, trata-se de uma recusa da falta no Outro para não ter que enfrentar a angústia da própria falta. A. Rudge sintetiza bem a perversão valendo-se, tanto da teoria freudiana como dos avanços de Lacan em relação a este conceito:

“O próprio da perversão é que a castração do Outro seja recusada e isso não se faz sem que o sujeito se coloque a serviço desse Outro, supereu cruel, na vassalagem fállica, que o reduz a um objeto...”⁴³

O agente da experiência sádica (o verdugo ou carrasco) transforma-se, portanto num fetiche, funcionando como instrumento fállico que permite o gozo do Outro, na tentativa de completá-lo. Lacan vai dizer, porém, que há uma impossibilidade de chegar a um **gozo puro**, porque os meios para atingí-lo implicam em passar pelo prazer, e pela dor, estes, prolongados ao extremo, terminam com o esvaecimento do sujeito, pois existem limites vitais. O sujeito já

⁴¹ MILLER, J. A., *Lacan Elucidado*, p.180.

⁴² MILLER, J. A., *Lacan Elucidado*, p.785.

parte sujeitado ao princípio do prazer e, no momento mesmo do gozo, já não se trata mais de prazer; há, portanto uma antinomia entre prazer e gozo.

Lacan vai demonstrar que em Kant, do mesmo modo, há uma **impossibilidade de chegar a uma metafísica pura como ciência**, porque a possibilidade da razão atingir qualquer objeto de conhecimento passa necessariamente pelos sentidos, não sendo possível, conhecer puramente objetos inteligíveis.

Do mesmo modo que há na posição do carrasco sadeano uma idéia reguladora do gozo puro, há em Kant uma idéia reguladora da razão pura, que busca um conhecimento puro das coisas sensíveis. Tanto num caso como no outro o fracasso impera, e isto é o que Lacan parece desenvolver nesse texto. Ele constrói uma equivalência entre o “*desejo puro*” e o que Kant chama “*a boa vontade*”.

O **desejo de gozo**, equivalente da boa vontade, é o “*desejo puro*” sem objeto; mas para o sujeito humano é algo inatingível, pois como diz Lacan: “ele já começa derrotado, fadado à impotência”.⁴⁴ Gozar ao limite não é uma maneira de encontrar um super prazer, mas é colocar-se numa posição completamente isolada do prazer ; é desfalecer. No gozo trata-se de excesso, uma infração do princípio do prazer. O gozo está mais para o lado da pulsão de morte. O prazer, ao contrário, é sustentar o mais baixo nível de tensão possível, que Lacan chama neste texto de “*homeostase*”.

Prazer e gozo, portanto, são antinômicos. Obter um estado permanente de homeostase é um ideal humano, mas é difícil viver a homeostase. Lacan coloca **a função da fantasia como o que permite reconciliar prazer e gozo**: “... *a fantasia torna o prazer apropriado ao desejo*”.⁴⁵ A palavra **desejo** não seria a mais adequada neste lugar, melhor seria dizermos **gozo**, ou seja: a fantasia faz o prazer próprio ao desejo como vontade de gozo⁴⁶; permitindo conciliar prazer e gozo. Essa conciliação, desde Freud, é a função clássica da fantasia.

No texto de 1919⁴⁷, Freud fala de “*satisfação masturbatória*” e de “*descarga num ato de agradável satisfação auto-erótica*”, quando se refere à

⁴³ RUDGE, A. M., “Versões Supereu e Perversão”, p. 14.

⁴⁴ “Kant com Sade”, p. 784.

⁴⁵ Op. Cit., p.785.

⁴⁶ Miller analisa bem essa passagem do Kant com Sade, em seu livro: *Lacan Elucidado*, p. 207.

⁴⁷ FREUD, S., “Uma Criança É Espancada” (1919), vol. XVII, ESB-1976.

fantasia de espancamento que observou na sua clínica. A expressão utilizada pelo pai da psicanálise -“*quelle genusses*”-⁴⁸, melhor traduzida por **fonte de gozo**, indica a relação com o prazer apesar do caráter de submissão da fantasia fundamental (em Freud coincidindo com o segundo tempo da fantasia: “*sou espancado pelo meu pai*”).

Esse gozo prazenteiro é uma meta de todo sujeito, porém o estatuto fundamental do gozo é ir mais além do prazer, portanto já não se trata mais do prazer. É por isso que na verdade, o prazer é um rival oposto ao gozo, mas sem dúvida que o prazer tem que ser levado em consideração; pois na realidade da experiência é necessário ter um corpo e não se pode desejar sem a cumplicidade do prazer. O prazer, porém não pode servir para satisfazer o desejo em última instância; apenas o gozo.

3.4.4

A fantasia na perversão: a ◇ \$

A fantasia sadeana permite ir mais além passando pela dor e esse desejo, perseguido pelo perverso, denomina-se “*vontade de gozo*”. Nos romances de Sade, os verdugos sempre perseguem o gozo de um modo duro frente às suas vítimas. O desejo do agente, na fantasia sadeana, manifesta-se como **vontade de gozo**, apesar de todos os inconvenientes que isso pode significar para ele, para a vítima e para a sociedade.

Na atuação perversa, como esclarece Rudge, “... *está envolvida uma tirania que busca exercer e que mantém com o desejo um laço paradoxal. Há uma certa incongruência em falar de desejo perverso embora sem dúvida o desejo esteja presente. O perverso trabalha para não desejar, já que o desejo remete para a angústia da castração, da qual todo seu esforço é para se evadir*”.⁴⁹

O sádico na posição de objeto - instrumento (como pequeno a) e com sua vontade de gozo, faz surgir na vítima o ponto puro do sujeito barrado ou sua divisão. Essa é a estrutura perversa em Lacan.

⁴⁸ Na ESB. como “fonte de prazer”, op. cit., p. 226. Na Amorrortu-1979: “fuente de parecido goce”, Vol. XVII, p. 178.

⁴⁹ “Versões do Supereu e Perversão”, p.13. (Os grifos são meus).

Lacan veio demonstrar, diferentemente do que se supunha, que o sadismo e o masoquismo não são complementares; são duas faces da mesma moeda. Tanto no sadismo como no masoquismo, a angústia fica sempre com o parceiro. O masoquista não é uma vítima fantasística do sádico, como pode parecer a princípio, pois ele também recusa a castração e na verdade quem comanda a cena é ele. Isso fica claro na obra sobre as memórias da Sra. Wanda Sacher-Masoch. Sacher-Masoch foi um escritor do começo do séc. XIX que descrevia que a condição para seu gozo era colocar-se como escravo de uma mulher e ser açoitado por ela⁵⁰.

O masoquista, apesar de aparentemente colocar-se na posição inversa do sádico, na verdade também se coloca-se como mestre. Na cena que produz coloca-se também como o objeto que causa a angústia em seu parceiro. Foi isto o que atestou a Sra. Masoch: que não gostava de vestir-se de peles e açoitá-lo seu marido. Foram as demandas insistentes dele que, como prova de seu amor, levaram-na a ocupar tal posição, embora muito angustiante para ela.⁵¹

No seminário da Angústia⁵² Lacan retoma, em alguns momentos, o sadismo e o masoquismo esclarecendo ainda mais o que já tinha teorizado no Kant com Sade. A concepção do autor referente a essas duas perversões mostrou-se inovadora em relação ao modelo vigente, onde o sadismo e o masoquismo eram tidos como “uma espécie de agressão imanente e sua reversibilidade”.⁵³

O desejo sádico visa introduzir a divisão no outro, que esteja preferencialmente no limite do intolerável. O que o carrasco busca é justamente o ponto da divisão subjetiva que o sofrimento faz emergir, e não tanto maltratar o outro.

“... Não é tanto o sofrimento do outro que é procurado na intenção sádica... mas sua angústia, sua existência essencial como sujeito em relação a essa angústia, eis aí o que o desejo sádico pensa fazer vibrar.”⁵⁴

O que caracteriza o desejo sádico é que ele não sabe que, no cumprimento de seu ato, procura “*fazer-se aparecer a si mesmo como puro objeto, fetiche*”

⁵⁰ Conforme o famoso livro *La Venus de La Piel*, de Masoch, S..

⁵¹ MILLER, J. A., *Lacan Elucidado*, p. 196.

⁵² LACAN, J., O Seminário livro 10: *A Angústia* (1962-1963), inédito. Publicação para circulação interna do Centro de Estudos Freudianos do Recife- tradução da transcrição realizada pela Associação Freudiana Internacional, 1997.

⁵³ Op.Cit., lição VIII - 16 de janeiro de 1963.

⁵⁴ Ibid.

negro".⁵⁵ Lacan repete no seminário 10 a expressão utilizada no texto dos Escritos, já citada nesta pesquisa anteriormente. Ou seja, movido por sua vontade de gozo, o carrasco coloca-se em "a", na posição de objeto da fantasia, fazendo-se instrumento de um gozo absoluto do Outro. Com essa manobra, o mestre sadearno visa produzir um sujeito mítico, nunca atingido nem por ele e nem por sua vítima, um puro sujeito do prazer.⁵⁶

Com relação ao masoquista, a encarnação de si mesmo como objeto é o objetivo declarado, e essa é a via onde ele procura justamente apreender-se pelo que ele é, na medida em que ele é um "a". O masoquista busca fazer aparecer em sua cena alguma coisa na qual o desejo do Outro faz a lei. O efeito produzido por sua manobra é que ele mesmo aparece como dejetivo.⁵⁷

O que escapa ao masoquista, diz Lacan⁵⁸, é que: *"ele crê certamente, que o que ele busca é o gozo do outro, mas justamente, porque crê, não é isto o que ele busca. ...O que ele busca é a angústia do outro. O que não quer dizer que ele busque contrariá-lo."*

"O que esta posição de objeto mascara, a não ser ir ao encontro de si mesmo, colocar-se na função de farrapo humano, desse pobre dejetivo do corpo, separado, que aqui nos é apresentado? Eis porque eu digo que **o objetivo de gozo do Outro é um objetivo fantasmático. O que é buscado no Outro é a resposta a essa queda essencial do sujeito em sua derradeira miséria, e que é a angústia**".⁵⁹

No caso do sádico a angústia é mais evidente, pois ela aparece antecipadamente na fantasia, já que a angústia da vítima é uma condição exigida. O que então o sádico procura no Outro? Lacan responde:

"Se há algo que esse fantasma sugere é, de certo modo, o caráter instrumental a que se reduz a função do agente. O que faz escapar, de alguma forma, salvo de relance, o objetivo de sua ação, é o caráter de trabalho de sua operação".⁶⁰

Ser agente da cena implica em atividade, mas essa aparência de atividade do carrasco é apenas uma ilusão, pois na verdade ele trabalha para um Outro. Apenas aparentemente ele trabalha contra um outro, sua vítima, ele está de fato na posição de instrumento do Outro; submetido a ele.

⁵⁵ Ibid.

⁵⁶ ANDRÉ, S., *A Impostura Perversa*, 1º cap., p. 24.

⁵⁷ Seminário 10, lição VIII – 16 de janeiro de 1963.

⁵⁸ Seminário 10, lição XII – 27 de fevereiro de 1963.

⁵⁹ Seminário 10, lição XIII – 6 de março de 1963, (grifos meus).

⁶⁰ Seminário 10, lição XIII – 6 de março de 1963.

Esta forma de gozar dá trabalho porque, na cena onde atua, é preciso que o parceiro se angustie. Caso não ocorra este efeito, a cena se desmancha e a angústia sobrevém ao sádico. Um exemplo no texto de Sade, quando *Epíteto com a perna cortada pelo verdugo sadeano diz*: “veja cortou-a”. A cena perversa se desfaz uma vez que não ocorre a divisão do lado da vítima. Ou seja, se a vítima é estóica, não se produz então o gozo sadeano.

Enfim, toda explanação de Lacan a respeito do masoquismo e do sadismo converge no sentido de apontar que essas duas perversões, não têm entre si uma relação de reversibilidade.

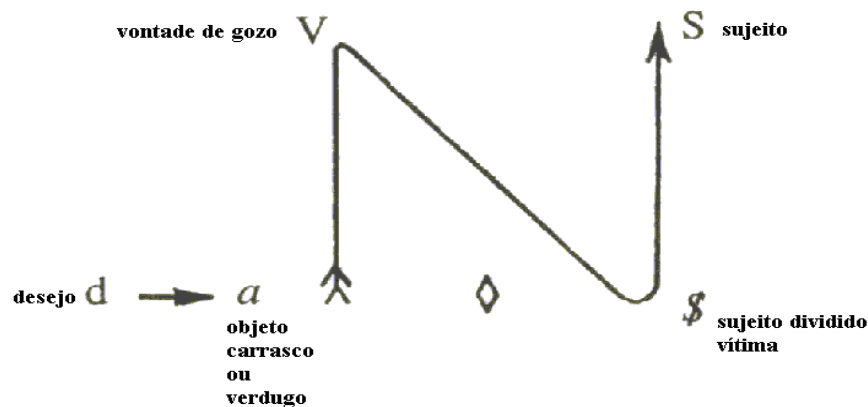
Lacan nos indica no seminário da Angústia, e que nos interessa para a compreensão do difícil “Kant com Sade”, a existência de um terceiro termo sempre presente no jogo perverso.

“Onde está esse outro do qual se trata? Exatamente por isso é que foi produzido neste círculo o terceiro termo sempre presente no gozo perverso; a ambigüidade profunda na qual se situa uma relação aparentemente dual se encontra aqui.”⁶¹

Jacques Lacan avançando na sua teorização sobre a fantasia perversa, afirma que de fato trata-se de uma função de quatro termos : **a** - agente ou objeto causa de desejo; o **V** - vontade de gozo; o **\$** - sujeito dividido ou vítima e o **S** - sujeito mítico ou Outro. O autor constrói então, neste complexo texto dos Escritos, um grafo da fantasia sadeana visando localizar os personagens de Sade, os perversos que aparecem em sua obra.

⁶¹ LACAN, J., seminário 10, lição XIII – 6 de março de 1963.

ESQUEMA 1 :



O ponto inicial do grafo é o desejo (d) que vai conduzir a uma espécie de percurso: do desejo ao sujeito.

Em Kant, a vontade em seguir os preceitos da moral, apresenta-se como uma vontade sem objeto, que apenas segue a “voz da consciência” e o sujeito é efeito desse encontro com a moral em si próprio; apenas daí surge o sujeito moral. Em Lacan, o sujeito é o resultado dessa operação que se inicia com o desejo. Poderíamos dizer, com Lacan, que o desejo precede o sujeito ou, dito de outra forma: o desejo permite que o sujeito possa se constituir.

Em Kant, o que está velado no desejo – desejo do Outro – aparece como “voz da consciência”; em Lacan por sua vez, o *objeto a* situa-se no lugar de causa, ou seja, como ponto de partida da linha apresentada no grafo.

O “V”, que parece ocupar um lugar de destaque no grafo, representa a “vontade de gozo” do agente da fantasia, no caso o carrasco. Lacan diz, referindo-se ao V: “... estando por cima nesse lugar, parece impor a vontade que domina a história toda...”⁶². A tradução de – “*le haut du pavé*” –, expressão utilizada por Lacan nos *Écrits*, indica alguém que ocupa um lugar de destaque, que está por cima; mas não só por cima, como também tem a pretensão de reger.

⁶² ‘Kant com Sade’, p. 786.

O “\$” é o sujeito patológico enquanto aquele que tem sentimentos; aquele que pode amar, odiar, sofrer, etc., ou ainda aquele que porta a divisão. É a vítima, na fantasia do perverso, quem ocupa esse lugar.

Partindo do grafo, o autor segue elaborando articulações referentes à fantasia:

“*Sirvamo-nos agora desse grafo, em sua forma sucinta, para nos acharmos na floresta da fantasia, que Sade, em sua obra, desenvolve num plano de sistema.*”⁶³

A “*floresta da fantasia*” desenvolvida por Sade em suas histórias, é a imagem utilizada por Lacan para referir-se à riqueza imaginária dos fenômenos descritos através dos personagens sadeanos. Se, na escrita do Marquês, fica evidente uma certa variedade em termos imaginários, por outro lado, Lacan veio nos apontar uma “*estática da fantasia*” relativa à posição do sujeito dividido - o \$ -. No texto “*A Filosofia Na Alcova*” trata-se de uma certa monotonia do lado das vítimas, do lado do \$. Não há diferenças significativas entre as vítimas; em geral mulheres de uma beleza idêntica. Do mesmo modo não há diferenças entre os que ocupam a posição de sujeitos, isto é: sempre estão sujeitados diante de um Outro. Este é o caráter “*estático*” da fantasia fundamental, ao contrário da dinâmica do sintoma. Ao longo de uma análise, os sintomas do analisando mudam, apresentam-se de forma dinâmica, por outro lado a fantasia fundamental permanece estática. Apenas no final de análise é que pode haver mudança de posição do sujeito frente à sua fantasia. Não se trata de curar a fantasia, mas trata-se de ir buscar o que se esconde atrás dela, a “*máquina que a constrói*”.⁶⁴ Essa é a idéia contida na noção de “*travessia da fantasia*” construída por Lacan.

Na fantasia sadeana, a posição do carrasco que corresponde à posição do objeto a, por sua vez, apresenta uma variedade. Quando Sade discorre sobre os carrascos, em “*Juliette*” e, sobretudo sobre os quatro atormentadores em “*Os 120 dias de Sodoma e Gomorra*”, ele relata diferenças qualitativas, contrariamente à descrição das vítimas que são apresentadas sempre de forma muito similar. A indiferenciação do lado das vítimas corresponde à posição de puro sujeito do significante e a variedade do lado dos carrascos corresponde a esta posição, do **objeto a** da fantasia ⁶⁵.

63 Ibid.

64 MILLER, J. A ., *Lacan Elucidado*, p. 212.

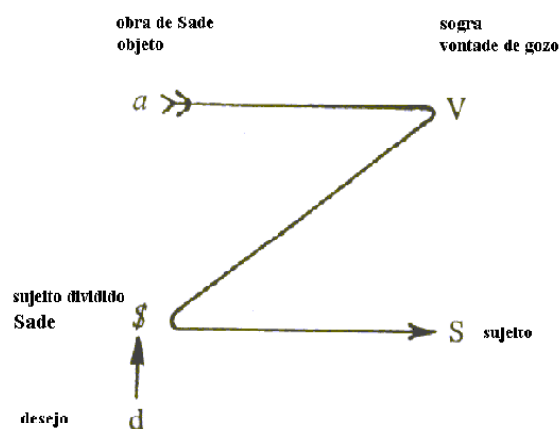
65 A. Grosrichard desenvolve este ponto em seu seminário.

J. Lacan destaca a lógica da perseguição do gozo, na fantasia sadeana, articulando essa lógica com o além do “Princípio do Prazer”. O carrasco na obra de Sade trabalha para radicalizar a pulsão de morte, que Freud viria brilhantemente a demonstrar, embora relutasse, em 1920⁶⁶.

Lacan em sua teorização afirma, que “*Sade não foi enganado pela sua fantasia*”⁶⁷, na medida em que o rigor de seu pensamento passou para a lógica de sua vida. Neste ponto, o que o autor sugere é que o manejo perverso de ludibriar a angústia de castração não funcionou na vida e Sade possivelmente sabia disto, de que a angústia de castração é irreduzível.

Em sua vida real, o escritor Sade não escapou, na verdade, da posição de vítima, permanecendo preso por decreto real, durante a maior parte de sua existência. Daí Lacan ter construído um 2º esquema, para representar o escritor. Este 2º esquema, se produz por uma rotação de um quarto de volta do 1º esquema, o do herói sadeano:

ESQUEMA 2:



Neste grafo é o próprio Marquês de Sade que fica na posição de sujeito “S”, pois ele permaneceu em grande parte de sua vida na prisão, subtraído do mundo pelo capricho de seu carrasco, na leitura de Lacan, sua própria sogra -a Sra. De

66 FREUD, S., “Além do Princípio do Prazer” (1920), vol. XVIII, ESB-1976.

67 “Kant Com Sade”, p. 789.

Montreuil - que manda aprisioná-lo, condenando-o à divisão radical entre o autor libertino e o prisioneiro da masmorra.⁶⁸

Lacan interpreta a posição da sogra como o carrasco encarnado, que aproveitando-se da vinda de Sade a Paris, por ocasião da morte de sua mãe, apressa-se em denunciá-lo à polícia.

A obra do Marquês de Sade, que termina por se eternizar, ocupa neste 2º esquema lacaniano, a posição de objeto a; causando a vontade de gozo da Sra. de Montreuil que permanece sempre impondo a moral à sua filha e a divisão à Sade.

Lacan faz um apelo ao leitor, a certa altura do texto, para que se aproxime com reverência do *“Boudoir Sadiano”*. Ele parte para uma análise direta da *“Filosofia Na Alcova”*, fazendo menção às relações entre os personagens desse romance libertino, oferecido como objeto causa de desejo para o leitor.

Lacan cita dois versos de origem desconhecida:

“É bom ser caridoso.
Mas, com quem? Essa é a questão”.⁶⁹

Esses versos enigmáticos estariam associados à introdução dos “120 dias de Sodoma...”. Neste livro Sade descreve o lugar onde se passarão todos os sacrifícios e depois se dirige ao leitor: *“Agora meu amigo leitor, vou oferecer-lhe uma série de gozos, seiscentos tipos, mas sem saber qual é o seu objeto.”* Tudo se passa como se, na *“Filosofia Na Alcova”* e também em outras obras, Sade se oferecesse de um modo caridoso, mas sem saber a qual sujeito ele se oferece. É como se ele dissesse: *“muitos você vai detestar, mas com certeza você encontrará algo para gozar”*. A questão de Sade é exatamente esta - ser caridoso para com os leitores -, incitá-los ao desejo de gozo⁷⁰.

Para Lacan, o escritor Sade, em sua vida, ultrapassou os limites de sua fantasia fundamental, pois levou a cabo a experiência de não ceder sobre seu desejo; de encontrar algo atrás de sua fantasia, a ponto de arriscar-se a morrer ou a suportar trinta anos de prisão, em favor dos seus escritos libertinos. Diz o autor: *“Esses limites, sabemos que em sua vida Sade os tranpôs”*.⁷¹

⁶⁸ Lacan faz referência à *“coerção moral implacavelmente exercida pela Presidente de Montreuil”* no *“Kant Com Sade”*, p. 790.

⁶⁹ *“Kant Com Sade”*, p. 791.

⁷⁰ Grosrichard interpreta deste modo, em seu seminário, a inclusão de tais versos no *“Kant Com Sade”*.

⁷¹ LACAN, J., *“Kant Com Sade”*, p. 798.

A obra do Marquês lhe permitiu manter-se no campo da fantasia, isto é: de encontrar a “sua felicidade”. Apesar de submetido ao mundo da prisão, ele insistiu na sua escrita; ele inventou para sobreviver, como um ser vivo submetido ao princípio do prazer. Mas “*seria talvez excessivo falar de travessia da fantasia a propósito de Sade, porém poderíamos pensar que Sade, como escritor, conhecia qualquer coisa de sua fantasia, porque não foi somente um sádico*”.⁷²

De acordo com o que nos lembra Miller, não há em todo esse texto de Lacan uma só vez a palavra **sádico**; trata-se sempre do **sadeano**, não do sádico⁷³. Para J.Lacan, o escritor Sade não foi um perverso e nem tampouco “... *tão vizinho de sua maldade que nela possa encontrar seu próximo. Traço que compartilha com muitos, em especial com Freud*”.⁷⁴ Pois, para Freud, assim como também para Sade, haveria a possibilidade de se encontrar “felicidade no mal”.

Neste seu romance, Sade pretende uma “educação do desejo” e a destruição dos preconceitos, mas a verdade do desejo é o que está formulado no interior da “*Filosofia na Alcova*”, ou seja: que **o desejo não tem regras; é um desejo livre!** Pretender “educar o desejo” é sujeitá-lo a algumas regras, ainda que excêntricas – defensoras do direito ao gozo –, como propôs Sade. Essa pretensão é o limite do Marquês indicado por Lacan.

No final deste instigante texto, o autor sela a questão de Sade como definitivamente afastado da estrutura da perversão e é com esses dizeres que termina o seu polêmico “Kant com Sade”:

“Está confirmado nosso veredicto sobre a submissão de Sade à Lei. De um verdadeiro tratado sobre o desejo, portanto, pouco há aqui, ou mesmo nada. O que se anuncia nesse revés extraído de um acaso não passa, quando muito de um tom de razão”.

R.G., Setembro de 1962⁷⁵

⁷² MILLER, J. A., *Lacan Elucidado*, p. 213 (grifos meus).

⁷³ Ibid.

⁷⁴ “Kant com Sade”, p. 801.

3.4.5

A fantasia e o desejo

É o desejo, segundo Lacan, que articula as relações entre os personagens da “Filosofia na Alcova”, evidenciando que “**o desejo é o desejo do Outro**”; aforisma lacaniano que reaparece mais uma vez neste escrito⁷⁶.

“Se nos leram até esse ponto, sabem que o desejo apóia-se numa fantasia da qual pelo menos um pé está no Outro, e justamente o pé que importa mesmo, e sobretudo, se vier a claudicar.”⁷⁷

O desejo, segundo Lacan, apóia-se na fantasia, ou seja: é porque a fantasia se constrói que podemos desejar. Lacan utilizando-se do matema escreve: $d \rightarrow \$ \diamond a$ onde \diamond (**punção**) se lê como “desejo de”.

O objeto do desejo, afirma Lacan, “*como mostramos na experiência freudiana, ali onde se propõe nu, é simplesmente o resíduo de uma fantasia onde o sujeito não se refaz de sua síncope. É um caso de necrofilia*”.⁷⁸

Este parágrafo de Lacan apresenta-se bastante enigmático, merecendo que nos detenhamos com maior cuidado neste ponto. Seguindo a recomendação do próprio autor, procuremos “passar por nossos próprios meios”, à luz do seu ensino:

“O que lhes ensino aqui são noções fundamentais, alfabéticas, é mais uma rosa dos ventos, uma tábua de orientação... . Isto supõe que, munidos de tal tábua de orientação, vocês procurem passar por seus próprios meios pelo mapa, e que submetam meu ensino à prova de uma leitura extensa da obra de Freud.”⁷⁹

Tomando como referência a teoria freudiana, segundo a indicação do autor, sabemos que o objeto de desejo em última instância é o “das Ding”, conceito que Lacan trabalha no seminário da Ética⁸⁰. O desejo implica num impulso psíquico que procura constantemente restabelecer a satisfação original, que envolveu uma diminuição do acúmulo de excitação, sentida como prazer. “*Um impulso dessa*

⁷⁵ “Kant Com Sade”, p. 802.

⁷⁶ LACAN, J., “Kant com Sade”, p. 792

⁷⁷ LA, J., “Kant com Sade”, p.792.

⁷⁸ Ibid.. (grifos meus).

⁷⁹ LACAN, J., O Seminário – livro 2: *O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise*, lição de 1/06/1961: “A análise Objetivada”, 1995, p. 313.

⁸⁰ LACAN, J., O seminário – livro 7: *A Ética da Psicanálise* (1959-1960), p.69.

espécie, é o que chamamos desejo...”, afirmava Freud desde 1900⁸¹. Podemos portanto dizer, que do objeto de gozo para sempre perdido, resta apenas um traço mnêmico ou, dito de outro modo, o que fica em seu lugar é a presença de uma falta que impulsiona o desejo, rodeada pelos traços que se tornaram sua representação⁸². Esse objeto perdido, objeto inapreensível, resíduo de uma fantasia de completude, não poderá evidentemente ser reencontrado. “*Reencontramo-lo no máximo como saudade*”, diz Lacan.

“Não é ele que reencontramos, mas suas coordenadas de prazer; é nesse estado de ansiar por ele e de esperá-lo que será buscada, em nome do princípio do prazer, a tensão ótima abaixo da qual não há mais nem percepção nem esforço.”⁸³”

Trata-se, portanto, de irremediavelmente desejar algo que jaz morto, parecendo ser este o sentido da menção de Lacan à necrofilia. Tomando, por outro lado, o referencial teórico postulado por Lacan, podemos inferir uma outra interpretação pertinente ao referido parágrafo, a saber: O autor afirma que, onde o objeto do desejo “se propõe nu” é simplesmente a escória, de uma fantasia, ou seja, é um objeto que é resíduo, dejetado e diante do qual o sujeito desvanece (ponto de afânise). Não seriam estas propriamente as características do objeto a?

O objeto a é o conceito lacaniano que aponta e nomeia o retorno no real, do gozo da Coisa, esvaziado pela lei simbólica⁸⁴, ou seja, resto da operação simbólica promovida pela lei. O **objeto a** se constitui na relação do sujeito ao Outro como resto, pois é do Outro que ele se separa. É no seminário da Angústia que Lacan consolida sua teorização sobre o **objeto a** enquanto causa de desejo. Neste seminário o autor se reporta às diversas formas sob as quais o **objeto a** primeiramente se manifesta (seio, fezes, olhar e voz), embora enfatize que sua elaboração, opõe-se totalmente a associação destes objetos às fases do desenvolvimento, tal como na teoria desenvolvida por Abraham⁸⁵.

O **objeto a** não é um objeto que possa ser apreendido pela sensibilidade, intuição, tampouco é um objeto da experiência, no sentido kantiano, que nossos

⁸¹ Vol. V, ESB-1976, p. 603 e p. 636.

⁸² QUINET, A., esclarece de forma sucinta essa construção psicanalítica em seu livro: *A descoberta do Inconsciente – Do Desejo ao Sintoma (2000)*, p. 81.

⁸³ LACAN, J., O seminário – livro 7: *A Ética da Psicanálise (1959-1960)*, p.69

⁸⁴ QUINET, A, “A Coisa Escópica do Desejo”, in *Um Olhar A Mais – ver e ser visto na psicanálise*, 2002, capítulo 3, p.59.

⁸⁵ LACAN, J., seminário 10, lição de 19 de junho de 1963.

sentidos, engendrados pela razão possam apreender, porém o sujeito o experimenta como causa de desejo.

“Essa função da causa , digamos logo como a encaramos. **Nós a encaramos... como** a sombra carregada mas muito precisamente, e dizendo melhor, **a metáfora dessa causa primordial, substância dessa função da causa que é, precisamente, o “a”** enquanto anterior a toda essa fenomenologia. O **a, nós o definimos como o resto da constituição do sujeito no lugar do Outro**, na medida em que ele tem que se constituir enquanto sujeito falante, sujeito barrado, \$”.⁸⁶

Em relação ao objeto que causa desejo, trata-se portanto, segundo Lacan, de algo que inexoravelmente termina por cair de seu lugar de causa, tornando-se dejetado, objeto morto, podendo ser este também o significado da referência lacaniana à necrofilia, no “Kant com Sade”.

Lacan aproxima a inapreensão do desejo, para a psicanálise, da falta de objeto afirmada por Kant na lei moral, isto é: falta o objeto ao desejo, assim como também o falta à lei moral kantiana.

Este autor afirma ser a Psicanálise “... *uma prática que reconhece no desejo a verdade do sujeito*”⁸⁷, no entanto, alerta-nos para a necessidade de não desconhecermos os percalços que o desejo envolve. O autor parte para a distinção entre prazer e gozo - o além do princípio do prazer - que na teoria freudiana é associado à pulsão de morte.

“O desprazer é aí reconhecido por experiência como dando pretexto ao recalque do desejo, ao se produzir no caminho de sua satisfação –mas também como dando a forma assumida por essa mesma satisfação no retorno do recalçado”.⁸⁸

A função do desprazer é o que dispara o mecanismo do recalçamento do desejo, quando está prestes a atingir sua satisfação; porém esse mesmo desprazer é o que viabiliza a possibilidade do desejo satisfazer-se de outro modo: através do retorno do recalçado no sintoma, no sonho, na lei, etc... .

Podemos dizer, seguindo essa elaboração de Lacan, que a lei que proíbe, a lei do supereu remete ao desejo edipiano, ou seja, *a lei é o avesso do desejo*⁸⁹. Mas por outro lado Lacan fala também de um desejo em se cumprir à lei. Desejo este que ele aponta como defesa, que se sustenta no prazer em cumprir o que a lei

⁸⁶ LACAN, J., Op. cit., (grifos meus).

⁸⁷ “Kant com Sade”, p.796.

⁸⁸ Op. Cit., p.797.

⁸⁹ “Kant com Sade”, p. 799.

determina. Trata-se do desejo do Eu de escapar da “lei do gozo”, que inexoravelmente conduz ao desprazer.

Lacan vai lembrar que o campo da felicidade é o campo do egoísmo, portanto a busca da felicidade é uma busca egoísta que tem a ver com a prática do Eu. É o Eu que busca o prazer; o sujeito do inconsciente, por sua vez, não procura a felicidade. O sujeito enquanto ligado ao desejo puro, desejo que é o desejo do Outro, não está em busca do prazer, mas sim do gozo.

O ideal da ética clássica é buscar a felicidade com um mínimo de desprazer possível e o máximo de prazer, conforme a definição de Kant na *Crítica da Razão Prática*. Na primeira parte da “*Crítica*”, Kant aponta-nos o altruísmo necessário ao cumprimento da lei moral, implicando na renúncia de nossas inclinações. No final da “*Crítica*”, porém, Kant restitui ao sujeito moral – que precisou abrir mão do patológico, portanto não pensou em si de modo egoísta – a obtenção de uma “felicidade transcendente”, obtida a partir da experiência moral.

Kant, em sua teorização chega às noções de “*vida eterna*”, “*existência de Deus*” e “*liberdade de alma*”. Em sua “*Crítica*” o filósofo indica a existência de uma “felicidade eternizada”, aparentemente oposta a todo egoísmo, mas que de certo modo não se distancia muito do princípio do amor a si mesmo. É como se, em Kant, o egoísmo pudesse retornar para além da vida, ainda que de forma transcendente, como a alma que encontra prazer eterno.⁹⁰

Lacan demonstra que o Marquês de Sade, através de seus romances, defende a **liberdade de desejar** e este é o fator novo, querer que sua luta seja em prol da liberdade do desejo. Ao enunciar o direito ao gozo, “*Sade faz com que se insinue para todos, por uma fresta imperceptível, o antigo eixo da ética: que não é outro senão o egoísmo da felicidade*”⁹¹.

Através de sua máxima do direito ao gozo, Sade faz o verdugo trabalhar para o gozo do Outro. Essa vontade de gozo do perverso corresponde a um desejo puro, desejo de desejar em vão. Lacan diz que essa perseguição ao gozo que o perverso faz, não leva à felicidade, muito pelo contrário: “... *É claro que ela [a felicidade] se recusa a quem não renuncia à via do desejo*”⁹². O *desejo puro* ou *desejo de gozo* é o desejo relativo à “Coisa” freudiana –das Ding – e é preciso

⁹⁰ “Kant Com Sade”, p. 798.

⁹¹ “Kant com Sade”, p. 798.

⁹² Ibid.

renunciá-lo porque, na origem, a “Coisa” se constitui como a própria perda. Esta via não leva ao prazer, mas ao contrário, o gozo leva ao “*mais além do prazer*”, ou seja, a um desprazer cada vez maior. Em última instância, Lacan diz que a felicidade se recusa a quem persegue o desejo de gozo, pois na verdade a felicidade está mais próxima do prazer.

O autor faz uma referência aos epicuristas⁹³ e estóicos⁹⁴, citando-os como exemplo dos que relutam em submeter-se à lei, em favor de seus desejos. Tal propósito logicamente tem seu preço e, no caso dos epicuristas e estóicos, lhes acarretou sofrer as mais severas críticas sob a ética cristã. Epicuristas foram condenados por não abrirem mão do gozo e estóicos por buscarem uma solução “pouco gloriosa”, de reduzir o desejo, apenas às necessidades, através da prática do ascetismo e da razão.

Reduzir o desejo, no caso dos estóicos, não seria deixar que a lei triunfasse, como poderia parecer a princípio numa leitura ingênua, mas, trata-se na verdade de buscar fazer triunfar a “lei da felicidade”, da tranquilidade, da menor tensão possível. Poderíamos identificá-la ao “*princípio de constância*”⁹⁵ evidenciado por Freud em 1920.

“*Sua ataraxia destitui sua sabedoria*”⁹⁶, afirma Lacan referindo-se ao grupo dos estóicos. A ataraxia dos mesmos não condiz com a posição da ética cristã, uma vez que elimina os riscos. A “glória” da vida, sob esta ética, está justamente no fato de tratar-se de uma luta nobre, que implica em sacrifícios; uma vez que o desejo não se reduz, muito pelo contrário, e o cristão conhece muito bem sua potência.

O autor, nesta altura de seu escrito, coloca a questão: *Até onde nos leva Sade na experiência desse gozo, ou simplesmente de sua verdade*⁹⁷? O próprio autor inicia a resposta indicando que estamos na “*vizinhança da Coisa, de onde o homem emerge com um grito.*”⁹⁸

⁹³ Epicurista: partidário da doutrina de Epicuro, filósofo grego, que apregoa os prazeres do amor e da mesa.

⁹⁴ Estóico: impassível ante a dor e a adversidade.

⁹⁵ FREUD, S., “Além do princípio do Prazer” (1920), ESB-1976, Vol. XVIII, p. 19.

⁹⁶ “Kant Com Sade”, p. 797.

⁹⁷ “Kant com Sade”, p. 798.

⁹⁸ Ibid.

“... Pois bem, o passo dado por Freud, no nível do princípio do prazer, é o de mostrar-nos que não há Bem Supremo – que **o Bem Supremo, que é das Ding, que é a mãe, o objeto do incesto**, é um bem proibido e que não há outro bem”.⁹⁹

3.5

Fantasia fundamental

A fantasia fundamental justamente se constrói a partir desses limites, como uma resposta do sujeito ao enigma insustentável do desejo do Outro, da falta existente no Outro; mas, ao mesmo tempo, é a própria fantasia que fornece as coordenadas do nosso desejo, isto é, cria o contexto que nos permite desejar algo, como explicita Zizek em nosso auxílio, referindo-se ao caráter paradoxal da fantasia:

“Ela [a fantasia] é o contexto que coordena nosso desejo, mas é ao mesmo tempo, uma defesa..., um anteparo que esconde o vazio, o abismo do desejo do Outro”.¹⁰⁰

O paradoxo que a fantasia traz em si, apontado por este autor, é que: o desejo é uma defesa contra o desejo do Outro, contra esse desejo puro de gozo, ou ainda dito de outro modo, desejo de gozar da Coisa. Zizek afirma que “*o desejo estruturado pela fantasia é uma defesa contra esse desejo ‘puro’ e transfantástico (isto é, a pulsão de morte em sua forma pura)*”.

“Agora podemos compreender de que modo a máxima da ética psicanalítica, formulada por Lacan (não ceder de seu desejo) coincide o momento que fecha o processo analítico com a travessia da fantasia: o desejo diante do qual não devemos “ceder” não é o desejo sustentado pela fantasia, porém o desejo do Outro mais além da fantasia”.¹⁰¹

“*Não ceder em seu desejo*” implica, precisamente, numa renúncia a preencher o vazio do Outro ou, dito de outra forma, renunciar ao gozo do Outro; que nos aprisiona e portanto impede que possamos continuar desejando na vida.

⁹⁹ LACAN, J., Livro 7 – *A Ética da Psicanálise* (1959-1960), cap. “Introdução da Coisa”, p. 90 (grifos meus).

¹⁰⁰ ZIZEK, S., *Eles Não Sabem O Que Fazem - O Sublime Objeto da Ideologia* (1990), cap. V - A fantasia como anteparo contra o desejo do Outro, p. 116.

¹⁰¹ ZIZEK, S., *Ibid.*

Na cena fantasmática o desejo não é preenchido, satisfeito, mas constituído, ou seja, os objetos do desejo são indicados pela própria fantasia. Poderíamos concluir, seguindo Zizek, à luz do ensino de Lacan, que graças à fantasia aprendemos como desejar.

4

IMPLICAÇÕES CLÍNICAS DA FANTASIA

A fantasia em sua significação – refiro-me à fantasia em que o sujeito figura como criança espancada – torna-se a relação com o Outro por quem se trata de ser amado, enquanto ele mesmo não é reconhecido como tal. Essa fantasia situa-se, então, em algum lugar da dimensão simbólica entre o pai e a mãe, entre os quais, aliás, ela efetivamente oscila.

Jacques lacan ¹

4.1

Fantasia e sintoma

Miller propõe a divisão entre sintoma e fantasia como uma questão de extrema relevância para a clínica psicanalítica. A oposição entre sintoma e fantasia toma um lugar pregnante no seminário ministrado por este autor, na Escola da Causa Freudiana em Paris, cujo título foi “Do Sintoma à Fantasia e Retorno”. Tal divisão proviria tanto de sua leitura de Freud e Lacan, quanto de sua prática.

Como vêm essa oposição que lhes proponho é uma oposição que me parece central. Creio que se ganharia muito caso se fizesse uma releitura de Freud e Lacan e se ordenasse as coisas mediante a mesma.²

O sintoma nos coloca frente à questão de sua cura, mas, se Lacan fala de “**travessia da fantasia**”, é justamente para não falar de levantamento ou desaparecimento da fantasia, pois da fantasia não se pode curar-se.

Com a fantasia se trata, pelo contrário e, sobretudo, de ir ver o que está por trás. Coisa difícil porque por trás não há nada. Entretanto é um nada que pode assumir diversos rostos, e na travessia da fantasia se trata de dar uma volta pelos lados desses nada³.

¹ LACAN, J., “A Fantasia Para Além Do Princípio Do Prazer” in Seminário 5: *As Formações do Inconsciente* (1957-1958), cap. XIII, p. 256.

² MILLER, J. A., “Duas Dimensões Clínicas: Sintoma e Fantasia” in *Percurso de Lacan*, pg. 96.

³ MILLER, J. A., “Duas Dimensões Clínicas: Sintoma e Fantasia” (1983) in *Percurso de Lacan*, p. 92

Miller adverte que “*dar a volta pelos lados do nada*” ou, dito de outra forma, “*ir além do ponto de suposto bem-estar*” ou, ainda, chegar a “*travessia a fantasia*”, não é desejo de todo e qualquer analista. O analista pode limitar-se ao seu desejo terapêutico, trabalhando como aquele que se adequa à definição do mestre dada por Lacan, ou seja: é aquele que quer que a coisa funcione, que a coisa ande bem com o indivíduo que se lhe apresenta.

Até diria que o sintoma, como formação do inconsciente, deve ser situado em relação ao discurso do mestre... Pelo contrário, é a estrutura da fantasia e o fim de análise o que está privilegiado no discurso do analista.⁴

Segundo o autor, na prática do analista, há uma parte que consiste em tranquilizar o paciente quando este chega em pânico ou angustiado... Mas não é isso a totalidade da análise. De acordo com a teoria de Lacan, a análise vai além do ponto de suposto bem-estar e além do momento em que o sujeito começa a sentir-se bem sob sua pele. Num certo sentido esse “ir além” contrapõe-se aos ideais comuns da cultura universal e dispõe de um caráter associal. A função de analista compreende uma certa subversão, já que aponta para uma ética que supõe valores talvez inaceitáveis ao poder constituído: a ética do desejo.

Dos sintomas, os pacientes falam muito para lamentarem-se deles, pois é a razão pela qual chegaram à análise. Em relação à fantasia fundamental, por outro lado, o paciente não fala, pois é justamente através dela que obtém prazer. O paciente encontra, em sua fantasia acompanhada de uma satisfação masturbatória, um recurso contra seu sofrimento, uma compensação.

A fantasia neurótica em geral causa vergonha, pois é contraditória com os valores morais vigentes, tendo em vista que seu conteúdo é perverso; o que não quer dizer que se trate de uma perversão. Além disso, a fantasia não se harmoniza com o resto da neurose, pelo contrário, ela permanece à parte, como indica claramente Freud no texto de 1919:

Ele [o analista] é obrigado a admitir para si próprio que, em grande medida, **essas fantasias subsistem à parte do resto do conteúdo de uma neurose** e não encontram lugar adequado na sua estrutura.⁵

⁴ Op. Cit., p. 97.

⁵ FREUD, S., “Uma criança É Espancada- Uma Contribuição Ao Estudo Da origem Das Perversões Sexuais” (1919), E.S.B.-1976, Vol. XVII, p. 230 (Grifos meus).

Miller destaca esse ponto, afirmando que a fantasia está em um lugar diferente dos sintomas e que, na direção do tratamento, deve-se levar em conta essa diferença essencial que conseqüentemente traz determinadas implicações clínicas.

O autor, desenvolvendo o que já fora afirmado por Freud, de que a fantasia é um meio de obter prazer, afirma que fantasia é como “*uma máquina para transformar o gozo em prazer. Como uma máquina para domar o gozo, pois o gozo por seu próprio movimento dirige-se ao desprazer e não ao prazer*”.⁶

A idéia de “domar o gozo” pode ser demonstrada, na psicanálise freudiana, também por outra atividade que compartilha essa função da fantasia: a brincadeira das crianças. Freud já tinha aproximado o brincar infantil da fantasia, enquanto formas de conciliação entre prazer e gozo, no texto de 1907⁷.

No famoso jogo do “fort-da” (do neto de Freud) é a ausência da mãe que traz angústia à criança, colocando em evidência um desejo pela sua presença. O jogo do carretel é um trabalho psíquico que permite à criança dominar a situação. Passando da passividade da experiência aflitiva para a atividade do jogo, ela transfere o caráter desagradável para um dos elementos da brincadeira e deste modo vinga-se num substituto. Essa função psíquica (dominar a excitações pulsionais que atingem o aparelho) é independente do princípio do prazer e mais primitiva que ele. Leva a um prazer de outro tipo, já que restabelece o equilíbrio psíquico que foi rompido pela experiência desagradável. Tornando, alternativamente, a mãe presente e ausente no jogo do carretel, a criança está fazendo o trabalho de “ligação” psíquica ou vinculando as moções pulsionais às representações, conforme nos apontou Freud no texto de 1920⁸.

O fato dos adultos não mais brincarem, como quando eram crianças, é porque a fantasia substitui para eles a atividade lúdica infantil. Nesse sentido, a fantasia tem função semelhante ao brincar: a partir de uma situação tanto de gozo quanto de angústia, ela pode produzir um prazer de outro tipo.

A fantasia “é uma máquina”, que se põe em ação quando se manifesta o desejo do Outro, capaz de domar o gozo transformando-o em prazer ou, dito de

⁶ MILLER, J. A., “Duas Dimensões Clínicas: Sintoma e Fantasia”, in *Percurso de Lacan*, p. 102.

⁷ FREUD, S., “Escritores Criativos E Devaneio”, ESB-1976, Vol. IX.

⁸ FREUD, S., “Além Do Princípio Do Prazer”, E.S.B.-1976, Vol. XVIII, p. 25 e seguintes.

outro modo: a fantasia é um recurso que recobre a angústia suscitada pelo desejo do Outro⁹.

Em relação às implicações clínicas, a fantasia fundamental, que corresponde ao segundo tempo da fantasia “*Bate-se numa criança*”, segundo as indicações freudianas, nunca é interpretada. A interpretação deve ser relativa aos sintomas, pois a fantasia fundamental, não é objeto de interpretação por parte do analista, mas sim objeto de construção.

A fantasia fundamental apresenta certa monotonia, conforme já havia demonstrado Freud com a frase paradigmática. Para J. A. Miller ela corresponde à *Urverdrängung*, ou seja, ela é correlativa ao que nunca poderia vir à luz do recalcado, é o ponto limite da análise. Se ela não se oferece ao movimento da interpretação, é, entretanto, um “*trabalho próprio do analista obter sua revelação. Daí poder-se dizer, que a fantasia fundamental é aquilo que se apresenta na experiência como não tocado, não atingido diretamente pelo significante*”.¹⁰

A experiência analítica não é unilateralmente fundamentada na dimensão do sintoma. Se por um lado a análise não visa apenas curar o paciente de seus sintomas, por outro ela visa uma modificação na relação do sujeito com sua fantasia fundamental. “*O fim de análise tem por objeto uma modificação muito mais profunda que a do nível do sintoma, pois o que se busca é uma certa modificação subjetiva da fantasia fundamental*”.¹¹

A fantasia fundamental é o que resta do desenvolvimento de uma análise, podendo ser situada como o resíduo da interpretação do sintoma. Miller, tentando avançar no tema, distingue as três dimensões da fantasias:

1^a - imaginária - Trata-se de tudo que o sujeito pode produzir como imagens e que pertence à relação entre o eu e o seu semelhante.

2^a- simbólica - A fantasia consiste em uma pequena história que obedece a certas regras, certas leis de construção, que são as leis da língua. O texto freudiano sobre o referido tema mostra claramente que a fantasia não é mais do que uma frase (“*Uma Criança É Espancada*”) com algumas variações gramaticais. Essa dimensão simbólica, não surge de imediato na experiência da análise. Trata-se

⁹ MILLER, J. A., “Duas Dimensões Clínicas: Sintoma e Fantasia” (1983) in *Percurso de Lacan*, p.103.

¹⁰ MILLER, J. A., “Duas Dimensões Clínicas: Sintoma e Fantasia” (1983) in *Percurso de Lacan*, p. 111.

¹¹ Ibid..

primeiramente de uma decantação da “selva” da fantasia como sugere Lacan, da profusão de fantasias, para chegarmos a obter a frase. Lacan enfatiza, nos *Escritos* (Kant com Sade), não só o deslocamento da dimensão imaginária da fantasia para a dimensão simbólica, mas também um **deslocamento da gramática** (no sentido dos tempos verbais da fantasia) **para a lógica da fantasia**. A expressão “**lógica da fantasia**”, proposta por Lacan, obtém seu valor em relação à expressão “gramática da fantasia”, que já estava em Freud.

3ª – real – A dimensão real da fantasia, só é abordada por Lacan num momento já adiantado de sua teorização. Dizer que a fantasia é da ordem do real na experiência analítica, é dizer que se trata de um impossível de mudar, de um resíduo resistente.

Para Lacan, a fantasia fundamental é uma frase que, em lógica, chama-se de axioma. Os axiomas estão no fundamento do sistema ou, dito de outro modo, são algo posto ao princípio. Não se deixam modificar pelas leis de transformação do resto do sistema, e são portanto, o ponto de partida para a produção de verdades, falsidades e verificações¹². Nesse sentido é que a fantasia fundamental pode ser lida como uma construção axiomática, que aponta para uma divisão do sujeito falante e para sua posição à mercê do Outro.

No pensamento lacaniano, o fim da análise é conquistar uma modificação da relação do sujeito com o real da fantasia. O problema é como conseguir essa modificação subjetiva quanto ao real, com os meios da linguagem, que são os únicos de que o analista dispõe. Nesse sentido, afirma Miller, “*a direção da cura requer que se conheça a delimitação exata entre sintoma e fantasia*”. Esse autor nos indica também que, quando se mantém a direção correta, “*o desenvolvimento do tratamento está marcado pela obtenção de uma fantasia cada vez mais pura e mais trágica*”.¹³

Em relação ao sintoma, há uma dinâmica que se contrapõe à “**estática da fantasia**”, expressão utilizada por Lacan no seu texto “*Kant com Sade*”¹⁴. Na experiência analítica, aparece a “inércia” da fantasia fundamental e o analista precisa perceber que não se trata meramente de um fator negativo, pois é preciso poder vê-la como real, como resíduo da própria operação analítica. O fato “de o

¹² MILLER, J. A., “Duas Dimensões Clínicas: Sintoma e Fantasia”(1983), in *Percurso de Lacan*, p. 135.

¹³ Op. cit., pg. 113.

inconsciente ser estruturado como uma linguagem” não implica que tudo deva ser interpretado, afinal o que não se interpreta tem também uma função.

Creio justamente que a direção da cura é a utilização, como um instrumento, dessa fantasia reduzida. Ou seja, essa fantasia fundamental, que não se interpreta como tal, é em si mesma um instrumento da interpretação analítica.¹⁵

O sintoma surge para o sujeito como um enigma; o paciente não sabe o que fazer com ele e por isso demanda interpretação. Se Lacan situa o “*sujeito suposto saber*” do lado do analista, é porque na entrada do processo analítico a demanda fundamental do paciente é relativa ao enigma, à interrogação que seu próprio sintoma lhe faz.

A posição de submissão, daquele que sofre, em relação ao Outro, que caracteriza a fantasia fundamental, é percebida pelo sujeito, embora este não se implique quanto ao submetimento, responsabilizando o Outro como o causador de todos os seus sofrimentos. Daí ser necessário, que o analista busque levar o analisando a um questionamento sobre o que sua fantasia encobre.

A consistência da estrutura neurótica implica que haja sempre uma inércia relativa à fantasia fundamental, ainda que os sintomas possam desaparecer, já que esta é como a matriz da construção neurótica, ou seja, algo posto no princípio. É o ponto de partida e, ao mesmo tempo, o ponto limite. Por isso, nos diz Miller: “... *ao chegarmos ao ponto mesmo da fantasia, não estamos diante de uma mera reticência do sujeito e sim diante de uma falta das palavras e do saber*”. Freud já o tinha percebido, como nos relata no texto de 1919: “*nada mais sei sobre isto: estão espancando uma criança*”.¹⁶

Embora a fantasia fundamental seja sempre uma resposta à questão do desejo do Outro, existem formas diferentes de responder a ele, como sugere Miller:

Creio que as diversas estruturas fantasmáticas e diferentes estruturas clínicas podem ser situadas como modos de resposta à questão do desejo do Outro. Essa é também uma indicação de Lacan...¹⁷

¹⁴ LACAN, J. A., “Kant com Sade” (1962) in *Escritos*, p. 786.

¹⁵ MILLER, J. A., “Duas Dimensões Clínicas: Sintoma e Fantasia”(1983) in *Percurso de Lacan*, p. 114.

¹⁶ FREUD, S., “Uma Criança É Espancada...”(1919), E.S.B.-1976, p.227.

¹⁷ MILLER, J. A., “Duas Dimensões Clínicas: Sintoma e Fantasia”(1983), in *Percurso de Lacan*, p.106.

É no seminário 8 (1960-61) que Lacan vai teorizar mais especificamente sobre as variações da fantasia na neurose, chegando a postular uma fórmula específica para a fantasia histérica e uma outra para a fantasia obsessiva¹⁸.

Na neurose o sujeito tenta manipular a fantasia de modo que o Outro apareça completo, como dono e senhor do seu desejo, o que equivale a ficar sem desejo. No caso específico da histeria, o sujeito apresenta-se como alguém que não tem lugar no Outro. O histérico é por excelência o \$, sujeito barrado; um sujeito preterido e sem habitação no Outro.

Na experiência analítica o histérico se lamenta essencialmente dessa falta do significante que poderia prendê-lo ao Outro. Apresenta-se rebelde a um significante e por isso “sem lar, voluntariamente à margem da humanidade”¹⁹. Quando procura o analista, o sujeito histérico busca na verdade um lugar para si, que não consegue encontrar, o que lhe acarreta dor de existir, consequência deste vazio fundamental.

[O sujeito histérico] imagina precisamente que tem o dever de ensinar ao Outro, o qual imagina completo, a verdade do desejo. Por imaginar o Outro completo, pensa que seu dever é tomar a falta a seu cargo e mostrá-la.²⁰

Vejam agora a especificidade da fórmula lacaniana para a fantasia histérica:

$$\underline{a} \diamond A$$

$$-\phi$$

Lacan ao introduzir a fórmula a descreve como: “ ‘a’ o objeto substituto ou metafórico, sobre alguma coisa que está escondida, a saber, *menos phi*, sua própria castração imaginária em sua relação com o Outro.²¹” Ou seja, no lugar de $\$ \diamond a$,

¹⁸ LACAN, J., lições XVII (19/04/61) e XVIII (26/04/61) in O Seminário-livro 8: *A Transferência*. Lacan no decorrer de toda obra não retorna mais à essas duas fórmulas.

¹⁹ MILLER, J. A., “Duas Dimensões Clínicas: Sintoma e Fantasia”(1983), in *Percurso de Lacan*, p.121.

²⁰ MILLER, J. A, Op. cit..

²¹ LACAN, J., O Seminário-livro 8: *A Transferência*, p.244.

Lacan escreve $\underline{a} \diamond A$, referindo-se à fantasia histérica.

$-\varphi$

Sabemos que diante do enigma insuportável do desejo do Outro e da falta de significante que o assegure, a histérica tenta fazer de sua fantasia, a sua verdade, como forma de se defender. Nela, o Outro (A) aparece sempre completo, sem barra, e diante do mesmo, o sujeito histérico coloca-se como “objeto a”, mas de forma impotente porque sustentada pelo $-\varphi$ da castração imaginária. A histérica, diz Lacan:

... troca sempre seu desejo por este signo $[\varphi]$, não vejam noutra parte a razão para aquilo a que se chama sua mitomania. É que há uma coisa que ela prefere ao seu desejo – ela prefere que seu desejo seja insatisfeito a que o Outro guarde a chave do seu mistério. Esta é a única coisa que lhe importa, e é por isso que, identificando-se com o drama do amor, ela se esforça, quanto a este Outro, em reanima-lo, reassegurá-lo, recompletá-lo, repará-lo.²²

É deste modo, portanto, que a histérica quer ser desejada pelo Outro, o “A”, em sua fantasia: como um “nada” que completa a própria completude.

Lacan criou também uma fórmula específica para a fantasia obsessiva:

$$A \diamond \varphi (a, a', a'', a''', \dots)$$

O sujeito obsessivo na fórmula instituída por Lacan surge como A, um Outro barrado. Apesar da barra o predomínio do caráter narcísico está presente e seu desejo é falicizado através dos objetos; o segundo termo da fórmula: $\varphi (a, a', a'', a''', \dots)$. Lacan o ilustra com a sugestiva fábula da rã:

Na base da experiência do obsessivo, existe sempre o que chamarei de um certo receio de desinflar, relacionado com a inflação fálica. De certo modo, a função Φ – do falo – não poderia ser mais bem ilustrada nele do que na fábula da rã que quer se fazer tão grande quanto um boi. *O miserável animal*, como sabem, *inchou tanto que estourou*.²³

O obsessivo em sua maneira de se situar em relação ao Outro, prende-se a ele como a um significante no qual crê do modo mais tenaz. O sujeito obsessivo

²² Op. cit., p. 243.

²³ LACAN, J., O Seminário- livro 8: *A Transferência*, p. 253.

coloca-se voluntariamente como escravo e, como diz Miller, “mesmo que seja um rebelde sempre o será em nome de uma lei.”²⁴ Ele quer que sua relação com o Outro se ajuste a determinadas regras. O obsessivo é obediente, cumpre todas as regras, porém o capricho do Outro o revolta. “Pode-se dizer que aceita a bota, mas não o capricho do Outro”, ilustra Miller²⁵. Este é o modo de estabelecer a permanência e a consistência do seu Eu. Essa tendência determina as intermitências e os desvanecimentos do seu desejo diante do objeto.

A relação do obsessivo com o objeto é essencialmente governada por alguma coisa que tem relação com a castração, a qual assume neste tipo de neurose uma forma agressiva: ausência, depreciação, rejeição, recusa do signo do desejo do Outro.

Não abolição, nem destruição do desejo do Outro, mas rejeição de seus signos. Eis o que determina esta impossibilidade tão particular que marca no obsessivo a manifestação de seu próprio desejo.²⁶

Os objetos de desejo para o obsessivo são colocados em função de certas equivalências eróticas e isso não é algo recalcado como na histeria mas, pelo contrário, é perceptível, confessado no sintoma, consciente. “Como é possível que as coisas sejam ao mesmo tempo tão ditas e tão desconhecidas?”, diz Lacan²⁷. Como se poderia dizer que a função do falo no obsessivo fosse capaz de ser reconhecida? Ela o é, apesar de estar sob o recalque, e por mais confessada que seja, não pode ser reconhecida sem a ajuda do analista.

Ser sujeito é ter seu lugar no Outro -A- porém, existe um acidente possível: que ocorra a falta de fala do Outro, diz Lacan, referindo-se especialmente ao caso da neurose obsessiva.

É no momento preciso em que o sujeito manifestando-se como função de ϕ - *phi* – com relação ao objeto, se desvanece, não se reconhece mais, é neste ponto preciso, na falha do reconhecimento, que o desconhecimento se produz automaticamente. Neste ponto de falha onde se encontra encoberta a função de falicismo a que o sujeito se dedica, produz-se, no lugar, essa miragem de narcisismo que chamarei de realmente frenética no sujeito obsessivo.²⁸

²⁴ MILLER, J. A, “Duas Dimensões Clínicas: Sintoma e Fantasia” (1983) in *Percurso de Lacan*, p.126.

²⁵ Op. cit.,p.127.

²⁶ LACAN, J., O Seminário-livro 8: *A Transferência*, p.245.

²⁷ Op. cit.,p. 251.

²⁸ LACAN, J., O Seminário-livro 8: *A Transferência*, p. 251.

Esta alienação ao falicismo, salientada por Lacan, se manifesta de modo visível no obsessivo, como por exemplo, naquilo que se chama suas dificuldades de pensamento.

Ao instituir as fórmulas específicas para a fantasia histérica e para a fantasia obsessiva, Lacan pretendeu demonstrar que determinados comportamentos humanos são respostas peculiares frente a questão do desejo do Outro, não anulando no entanto, a fórmula geral da fantasia fundamental - $\$ \diamond a -$, já postulada por ele desde 1958.

... Cada estrutura clínica tem o que se pode chamar – e assim Lacan o chamou certa vez – sua própria ‘pantomima’, ou seja sua própria estratégia ante a questão do desejo do Outro. Diferente no histérico e no obsessivo, essa resposta concreta é sua fantasia, no sentido mais amplo da palavra. Não no sentido da fantasia fundamental como resto da operação analítica, e sim a fantasia como sua maneira de ser.²⁹

As relações fantasia – sintoma na estrutura perversa foram já analisadas no capítulo anterior, tendo como texto base o “Kant Com Sade”, considerado o paradigma da fantasia na teoria lacaniana³⁰.

No final do seminário “*A Lógica do Fantasia*”³¹ que, segundo Miller, trata menos da fantasia³² e talvez mais de lógica, Lacan afirma que a fantasia tem uma significação de verdade. Como dizer que a fantasia tem significação de verdade, se o mesmo se diz do sintoma, que o sintoma é como a irrupção da verdade na vida do sujeito? Em relação a esta questão, segundo este autor, deve-se compreender tal afirmativa de Lacan, como se referindo à verdade lógica.

Partindo das idéias de Lacan, corroboradas por Miller, podemos finalmente inferir que, na experiência analítica, sempre resta um ponto irredutível para o paciente. Apesar desse ponto de impossibilidade, o analisando pode, entretanto, chegar a perceber a posição subjetiva que determina toda sua vida e não mais ser

²⁹ MILLER, J. A., “Duas Dimensões Clínicas: Sintoma e Fantasia” (1983) in *Percurso de Lacan*, p.128.

³⁰ Segundo Miller, se o paradigma da fantasia em Freud é o “Bate-se Numa Criança”, em Lacan por sua vez, o texto paradigmático, referente à fantasia, é o “Kant Com Sade”: *Lacan Elucidado – Palestras no Brasil*, p. 154.

³¹ LACAN, J., O Seminário- livro 14 (1966): “*A Lógica do Fantasma*”(inédito), versão Argentina em CDROM da Obra de J. Lacan.

³² MILLER, J. A., “Duas Dimensões Clínicas: Sintoma e Fantasia” (1983) in *Percurso de Lacan*, p.123.

enganado por ela. Isto será relevante para o analista na condução do tratamento, pois ainda que os sintomas desapareçam, a fantasia fundamental permanece.

4.2

Fantasia e final de análise

A noção de final de análise interessa a esta pesquisa, na medida em que Lacan a articula com a **travessia da fantasia** e com a **destituição subjetiva**. No entanto, não se pretende de modo algum, esgotar esse tema tão polêmico que causa, ainda hoje, numerosas discussões dentro das próprias escolas de psicanálise que seguem a teoria lacaniana. A abordagem do “final de análise”³³, nesta pesquisa, limita-se portanto, apenas às relações que esta noção mantém com a fantasia fundamental.

A análise pode interromper-se numa resolução no plano do alívio dos sintomas (terapêutica), mas pode também ser conduzida, segundo a doutrina lacaniana, ao seu fim autêntico, a seu termo lógico. O que seria esse termo lógico além da ordem terapêutica? Segundo Miller e seus pares da Associação Mundial de Psicanálise, fundada em 1992, trata-se de uma mutação que transforma o sujeito no que ele tem de mais profundo. Essa condição é alcançada através do desvelamento e da travessia da fantasia fundamental, resultando deste processo um ser que não é mais tapeado por sua fantasia ; que passa para trás de um véu, para trás da cortina, de sua **Weltanschauung**, que vê seu próprio ponto cego. Esta é a posição exigível do analista.”³⁴

A pergunta sobre o fim da análise, foi colocada bem antes de Lacan, por Freud em 1937 e, até mesmo anteriormente, foi proposta por Ferenczi. Ela assim se formula: “Existe um fim de análise que não seja uma interrupção, mas o desfecho de um processo?” Lacan responde afirmativamente e situa esse desfecho em termos de cálculo, da solução de uma equação. O fim tomado como solução tem por referência necessariamente uma resolução de saber, ainda que apenas em parte.

³³ O tema “final de análise” merece ser estudado com maior profundidade, porém, estendê-lo aqui fugiria ao propósito desta dissertação, que privilegia as implicações que a fantasia traz para a clínica psicanalítica.

³⁴ MILLER, J. A., Prefácio in *Como Terminam as Análises* - textos da AMP.

No texto de 1937³⁵, que é onde Freud aborda a questão do término da análise, ele indica que a experiência psicanalítica desemboca no “rochedo da castração”, ou seja, o que se encontra no horizonte é uma falta que se coloa para ambos os sexos e que permanece para sempre fora do alcance da análise.

Lacan, por sua vez, supera esta objeção formulando que se trata menos de um impasse, do que de um ponto de chegada do processo analítico, onde o sujeito não pode se curar de sua divisão. A vertente da análise que corresponde à decifração do inconsciente e à posição do sujeito como efeito do significante é interminável, pois jamais se esgotará devido ao recalque primário.

Lacan, entretanto, vai pensar o final de análise a partir de uma outra vertente. Embora não responda a esta questão de forma explícita, foi construindo a resposta até chegar à equação do fim: da passagem do psicanalisando a psicanalista. Essa é a tese de Lacan: Se uma determinada análise chega ao término, produz um sujeito transformado, um analista.

Na história da psicanálise, a distinção entre análise didática e a terapêutica teve uma posição de peso. No pensamento lacaniano porém, a análise é uma só: começa pelo sintoma ou pelo que produz sintoma. O enigma que este representa para o sujeito leva-o a buscar solução junto a um analista, sendo deste modo que o significante da transferência articula-se com um determinado analista, entre outros.

Evidentemente devemos ressaltar, como aliás o autor o faz, que é preciso distinguir o analista do profissional. Quando Lacan se refere à “passagem a analista”, evoca uma transformação que acarreta um desejo novo - o desejo do analista-, que nada tem a ver com o desejo terapêutico, que busca o bem, o melhor, etc.... Trata-se de uma outra posição a ser ocupada após o fim da análise³⁶.

Foi nos anos sessenta que Lacan começou propriamente a fornecer uma descrição mais precisa dos mecanismos de “**destituição subjetiva**” para o analisando e do “**desejo do analista**”, articulando-os à fantasia fundamental no final de análise. Em 1958³⁷, porém, já se organizava o destino destas duas vias,

³⁵ FREUD, S., “Análise Terminável E Interminável” (1937), Vol. XXIII, ESB-1976, p. 247.

³⁶ Verificar Soler, C., “A Equação do Fim da Análise” in *Variáveis do Fim de Análise* (1995), cap.1.

³⁷ LACAN, J., “A Direção do Tratamento e os Princípios de Seu Poder” in *Escritos-1998*, p. 591.

bem como a relação com a fantasia³⁸. Nessa época, Lacan criticou os teóricos da contratransferência que reduziam a experiência a uma dialética intersubjetiva, perdendo a via da prática analítica, uma vez que a reciprocidade entre as duas posições, analisando e analista, contraria as indicações da própria teoria. Lacan fez uma análise crítica dos rumos que o meio psicanalítico vinha tomando, àquela altura, através de seus representantes, denunciando o afastamento teórico de Freud e propondo, por sua vez, as bases em que a direção do tratamento analítico deveria se guiar.

...Nem por isso estamos denunciando o que a psicanálise tem hoje de antifreudiana. Pois, nesse aspecto, deve-se reconhecer que tirou a máscara, uma vez que ela se vangloria de ultrapassar aquilo que aliás ignora, guardando da doutrina de Freud apenas o suficiente para sentir o quanto lhe é dissonante o que ela acabou de enunciar de sua experiência. Pretendemos mostrar como a impotência em sustentar autenticamente uma práxis reduz-se, como é comum na história dos homens, ao exercício de um poder³⁹.

Sobre o processo analítico, Lacan afirma que no início é preciso que o analista utilize-se de um artifício, anunciando a regra de que só haverá palavras em jogo. Por outro lado, o fim do processo obedece a uma lógica diametralmente oposta a do início⁴⁰. Tentando explicar a direção da análise e sua orientação, Lacan, remete-se à tradição do estilo de Clausewitz⁴¹, diferenciando três planos para o processo analítico: a **política**, a **tática** e a **estratégia**.

O analista, neste contexto, deve servir como suporte para a fantasia do analisando. O analista, que no início introduz a associação livre, o jogo significativo, a liberdade do sonho, encarrega-se também da fantasia do analisando, deixando-se determinar por ela, permitindo a instalação da neurose de transferência. Porém o analista deve saber para onde está indo e não se deixar tomar pela fantasia do paciente. O percurso analítico se encaminha para a falta-a-ser.

³⁸ Consultar Laurent, É., *Versões Da Clínica Psicanalítica*, p. 13.

³⁹ LACAN, J., “A Direção Do Tratamento E Os Princípios De Seu Poder” – Relatório do Colóquio de Royaumont (10/07/1958), in *Escritos*, p. 592.

⁴⁰ O artigo de Laurent - “Lacan Clássico” – in *Versões da Clínica Psicanalítica*, sintetiza de forma esclarecedora a essência das idéias lacanianas, referentes a este trabalho do Colóquio de Royaumont.

⁴¹ O general Carl Von Clausewitz, teórico e historiador militar prussiano (1780-1831), formulou em *Der Krieg* uma teoria da guerra e sublinhou sua subordinação à política, da qual ela seria um instrumento particular de ação.(N.T.) in *Versões da Clínica Psicanalítica*, op. cit..

“O analista é ainda menos livre naquilo que domina a estratégia e a tática, ou seja, em sua política, onde ele faria melhor situando-se em sua falta-a-ser do que em seu ser.”⁴²

O termo **falta-a-ser**, segundo Laurent, ocupou em 1958, para Lacan, o mesmo lugar que ocuparia o **des-ser do analista** anos depois⁴³. Podemos inferir desta afirmação de Lacan que, onde o analista é menos livre, é justamente em sua política, e esta, em psicanálise, é definida por sua ética. A proposta psicanalítica visa buscar a particularidade, a singularidade de cada um e isso só pode ser alcançado na análise do **desejo**. Em suma, esta é, muito resumidamente, a **política** apresentada por Lacan em 1958, para a condução do processo analítico.

A **tática** utilizada pelo psicanalista é a interpretação e, quanto a ela, o analista é livre para decidir o número e o momento de suas intervenções. O analista é livre em sua tática, apenas na medida em que esta esteja ligada a uma determinada estratégia.

A **estratégia** utilizada pelo analista envolve a transferência. A transferência é necessária e até mesmo incentivada, na medida em que o analista aceita ser colocado no lugar de sujeito suposto saber, no início da análise, para provocar a associação livre e a emergência do inconsciente. No final da análise, por outro lado, o analista cai da posição de suposto saber, assumindo diante do analisando uma outra posição. Essa idéia continua a ser trabalhada no seminário 11, que é propriamente onde Lacan iniciou sua reflexão sobre o final de análise, indicando as noções do que deve acontecer ao término deste processo, implicando inexoravelmente em mudanças, por parte do analista, na condução do mesmo. No último capítulo, Lacan coloca algumas perguntas que dizem respeito à esta questão: “ Como pode alguém se livrar da transferência? A expressão *liquidação* da transferência tem algum sentido real? Se a transferência é atualização do inconsciente, será que isso quer dizer que, no final de análise, não há mais inconsciente? Ou será que é o sujeito suposto saber, para tomar minha referência, que deveria ser liquidado como tal? ”⁴⁴

⁴² Lacan, J., “A Direção Do Tratamento E Os Princípios De Seu Poder”, p.596.

⁴³ Foi apenas em 1967 na “Proposição de 9 de Outubro”, que Lacan introduziu pela primeira vez os termos “passe” e “des-ser”, relacionando-os à posição que deveria ocupar aquele que pretende ser analista.

⁴⁴ LACAN, J., *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1964), p. 253.

Lacan diz que o analista deve promover na análise, em última instância, o objeto como causa de desejo. O analista sai portanto da posição de objeto desejado e coloca-se no lugar do objeto que causa desejo. Para tanto é preciso que a manutenção do analista, na posição de um ideal caia.

Em 1967⁴⁵, três anos após ter fundado a École Freudienne de Paris, Lacan propõe instaurar a nível institucional um dispositivo complexo **-o passe**⁴⁶. Este dispositivo é o modo de aferição pelo qual se daria a passagem de analisando a analista. Os princípios de funcionamento do tal dispositivo foram votados e adotados em 1969, em assembléia geral, a partir de um texto escrito por Moustapha Saphouan e seus colaboradores⁴⁷.

A “Proposição” na qual Lacan introduz o passe, segundo Roudinesco, constitui sem dúvida um dos atos mais inovadores da história da psicanálise em matéria de formação do analista:

“Lacan quer assim reintroduzir o que se ensina ou transmite no divã como único princípio de acesso a uma função que tendia até então a não ter nada mais comum com a especificidade da psicanálise”⁴⁸

Não encontramos na obra de Lacan um matema do final de análise, mas apenas algumas indicações e o dispositivo institucional, para que um saber sobre este fim possa ser constituído, a partir da experiência do passe. Lacan, ainda neste polêmico texto, referindo-se à relação do analisando com o analista, faz uma analogia com o jogo de xadrez afirmando que, como nos tratados do referido jogo, “é preciso passar do início ao fim da partida”. Que no fim da partida, nos adverte o autor, se obtenha a “chave da passagem de uma das funções à outra” deve ser a exigência da análise didática. O próprio autor ressalta que “não há nada aí que não

⁴⁵ LACAN, J., “Proposição de 9 de Outubro de 1967”- 1ª Versão, publicada pela Letra Freudiana-Escola, Psicanálise e Transmissão, ano XIV-no 0.

⁴⁶ O presente trabalho privilegia a fantasia e questões correlatas; portanto a referência ao “passe” é bastante sumária, apenas a título de ilustração ao leitor; necessitando consulta à bibliografia específica caso haja interesse. O “dispositivo do passe” foi introduzido por Lacan em 1967, tratando-se na prática de um procedimento onde o testemunho do final de análise e principalmente da passagem de analisante a analista, é conferido à instituição psicanalítica. Desde sua invenção o passe tem sido causa de debates, polêmicas e até mesmo cisões, como a saída em 1968 dos analistas da EFP que fundaram o “Quarto Grupo”, liderados por P. Aulagnier, F. Femir, J. P. Valabrega. Ainda hoje vem sendo introduzido em escolas lacanianas da Europa e América Latina, sob a égide da Associação Mundial de Psicanálise, entretanto sua experiência continua a parecer nova ...

⁴⁷ QUINET, A., *As 4+1 Condições Da Análise*, p.112.

⁴⁸ ROUDINESCO, E., *Histoire de la Psychanalyse em France*, Paris, 1986, p.455.

permaneça confuso ou velado”, e segue indicando como sua Escola poderia operar para “dissipar essas trevas”⁴⁹.

Na “Proposição de Outubro” além do passe, são elaboradas as coordenadas lógicas e clínicas do final de análise. Destaquemos aqui os dois aspectos abordados por Lacan que se coadunam mais diretamente com o tema dessa pesquisa: a destituição subjetiva e a fantasia.

“Atravessar a fantasia⁵⁰” não significa eliminá-la e sim percorrê-la, para que o sujeito possa experimentar-se nos seus dois pólos: o do sujeito e o do objeto ($\$ \diamond a$). O sujeito em sua análise experimentou-se como faltante, como aquele a quem falta o complemento, que a fantasia parece preencher. A experiência psicanalítica ao propiciar ao sujeito a travessia da fantasia, promove um abalo e uma modificação nas relações do sujeito com a realidade⁵¹.

A travessia da fantasia leva o sujeito à destituição subjetiva ou dito de outro modo, provoca a queda dos significantes mestres que o representavam, significantes da identificação ideal advindos do Outro [I (A)]. Perdendo os significantes que o subjagam, o sujeito é assim remetido à sua própria divisão. O que se apresenta é o objeto que ele é e foi estruturalmente para o Outro. Ao final deste processo o sujeito então se vê, diz Lacan, como: “Pura falta enquanto ($-\varphi$)[...] e puro objeto enquanto (a)[...]”.

“Essa falta e esse objeto, eu demonstro que eles têm a mesma estrutura. Essa estrutura não pode ser senão relativa ao sujeito, no sentido admitido pelo inconsciente. É ela que condiciona a divisão desse sujeito.”⁵²

A destituição subjetiva, para Lacan, corresponde ao advento do ser, conforme suas próprias palavras: “É por isso que eu digo que é nesse ($-\varphi$) ou nesse (a) que aparece seu ser.”⁵³ Concomitantemente, a destituição subjetiva corresponde ao desvanecimento do Outro e o analista, enquanto Outro, também é atingido. O analista neste fim, é destituído do suposto saber, aparecendo cada vez mais, na posição de resto. A transferência se dissipa e o analista perde o valor de

⁴⁹ LACAN, J., “Proposição de 9 de Outubro de 1967”, op. cit., p.13.

⁵⁰ Outros termos equivalentes tem sido utilizados pelos analistas lacanianos tais como: “franquear a fantasia” (Miller); “cruzar a fantasia” (Anne Dunand).

⁵¹ QUINET elucida essa noção de forma simples e concisa em *As 4+1 Condições da Análise*, op. cit., p. 116-119.

⁵² LACAN, J., “Proposição de 9 de Outubro de 1967”, op. cit., p.13.

⁵³ Op. cit, p. 14.

objeto valioso (agalma), finalmente sendo largado pelo analisando na posição de dejetos.

Colette Soler como uma das participantes, desde os anos oitenta, dos estudos referentes à *travessia do fantasia e final de análise*, na Escola da Causa Freudiana em Paris, muito tem contribuído sobre o tema. Partindo do questionamento relativo à fantasia fundamental na análise, a autora desenvolve noções lacanianas que ainda suscitam inúmeras controvérsias no meio psicanalítico, a saber:

Será possível identificarmos o que se chama **construção da fantasia e sua travessia**?

“Se por construção da fantasia designamos, como creio que convém fazer, o trabalho pelo qual o sujeito desdobra e esclarece a fantasia, durante o processo de re-historicização de seu passado e de questionamento dos afetos transferenciais, então a construção da fantasia não implica sua travessia. Trata-se antes, de uma espécie de focalização (no sentido fotográfico do termo) do postulado com que o sujeito se garante”.⁵⁴

Na tentativa de diferenciar a **construção da travessia**, Colette Soler parece atribuir claramente a autoria da construção da fantasia, ao próprio analisando. O texto freudiano de 1919⁵⁵, no entanto, não apresenta evidência alguma quanto à autoria da construção, ao menos no sentido desenvolvido mais tarde em “Construções em Análise (1937)”⁵⁶, em que Freud enfatiza o papel do analista em sua elaboração. No capítulo III, quando esclarece o caráter “residual” da fantasia de espancamento e tenta explicar o seu desenvolvimento histórico, ele afirma sobre o segundo tempo da fantasia:

“Essa segunda fase é a mais importante e a mais significativa de todas. Pode-se dizer porém, que, num certo sentido, jamais teve existência real. Nunca é lembrada, jamais conseguiu tornar-se consciente. É uma **construção da análise**, mas nem por isso é menos uma necessidade”.⁵⁷

“*Construção da Análise*”, expressão freudiana, a princípio pode remeter-nos a dúvida: quem afinal deve construir a fantasia na análise? O analisando ou o analista?

⁵⁴ SOLER, C., in *Como Terminam as Análises – Textos reunidos pela AMP*, pg. 159.

⁵⁵ FREUD, S., ESB-1976, vol. XVII: “Bate-se Numa Criança”.

⁵⁶ FREUD, S., ESB-1976 vol. XXIII, p. 289.

⁵⁷ FREUD, S., ESB-197, vol. XVII, p. 232 (grifo meu).

“Repito, no entanto, que a fantasia, via de regra permanece inconsciente e só pode ser reconstruída no decorrer da análise”.⁵⁸

A expressão “*reconstruída*” implica que já houve uma primeira construção e esta só pode ter sido por parte do analisando. No nosso entender, quem constrói em análise o segundo tempo da fantasia de espancamento é evidentemente o analisando. Ao analista, a partir dos significantes escutados, caberia a condução do processo analítico no sentido de possibilitar ao analisando que este reconstrua sua posição inconsciente de estar à mercê do Outro.

A construção da fantasia, que insiste em se escrever, exerce uma função de real no simbólico mas não é o real. A fantasia é imaginária na medida em que coloca no Outro uma consistência de gozo que ele não tem. Embora ainda não se trate de travessia, “a localização da fantasia pode ter efeitos positivos, quase terapêuticos, na medida em que aquele que acredita saber o que esperar e a que se agarrar, já não é totalmente ingênuo e pode ... se habituar.”⁵⁹

A **travessia da fantasia** é um passo além de sua construção. Se quisermos dar-lhe uma definição clara, segundo Soler, esta operação implica a derrocada ou, pelo menos, um questionamento da convicção que a fantasia comporta, revelando, portanto, a sua dimensão imaginária. A travessia da fantasia chegará a termo quando o sujeito não mais acreditar em sua ficção, mas nela reconhecer simplesmente sua aposta. Isso tem efeitos de transformação na libido: desvela a inconsistência do Outro e no mínimo tempera as coerções imaginárias e simbólicas.⁶⁰

A inconsistência do Outro se verifica na análise durante o processo de construção da fantasia e na própria travessia. O percurso analítico, portanto, poderia ser descrito, como a passagem da segurança da fantasia fundamental à queda desta segurança.

“As ondas delirantes da neurose são chamuscadas pelo fantasma, durante um momento o sujeito fica cativo da convicção, para não dizer da certeza, de que tem a ver com um Outro que lhe quer mal, um Outro, cujo gozo o ameaça”.⁶¹

⁵⁸ In Op.Cit., pg. 238.

⁵⁹ SOLER, C., in *Como Terminam As Análises* – textos da AMP, p.159.

⁶⁰ Soler, desenvolve estas noções no livro: *Como Terminam as Análises*, Op. cit..

⁶¹ SOLER, C., in *Variáveis do Fim da Análise*, p. 196.

A segurança da fantasia fundamental é o que detém, e de certo modo também mascara, a indecisão característica de todo neurótico. Lembramos com C. Soler, que há ainda outra coisa que detém a indecisão neurótica: a angústia como sentimento não enganador; embora estejamos privilegiando aqui a questão da fantasia.

Esta “segurança” apresenta um paradoxo, que Lacan se empenhou em elaborar, até extrair dele uma lógica, a saber: a fantasia fundamental é uma ficção, uma história reduzida que conta sobre a vida do sujeito. Como ficção, o pequeno relato pertence a um registro simultaneamente imaginário e simbólico e, portanto, deveria ser afastado do real. Entretanto, esta ficção é fixa, e Lacan, em “Subversão do Sujeito”⁶², formulou a idéia de que “uma ficção fixa é a que toma os caracteres do real”⁶³.

A solução lógica encontrada por Lacan, é afirmar que a fantasia fundamental é como uma proposição *a priori*, em que o sujeito não aparece como seu enunciante mas, pelo contrário, como seu efeito.

Podemos concluir com Colette Soler, que a fantasia é uma interpretação fixa em que se atribui a um Outro uma vontade de gozo que traz, conseqüentemente, um efeito de castração. “*Uma criança é espancada*” é uma hipótese sobre o gozo daquele que bate. Essa interpretação sem dúvida não exclui que “o espancado” receba um ganho secundário ou algum benefício de gozo. Como atestam as análises dos neuróticos, é comum o sujeito situar-se em relação à fantasia de estar submetido ao Outro, continuando, porém, a mantê-la reservada. É necessário falar do “mal que o Outro causa” relacionado à transferência. Esse “mal” acaba por surgir na transferência com o analista, revestido pelo amor transferencial que o recobre, protege e coloca à distância, em segurança fantasmática, mas que freqüentemente irrompe tomando a dianteira na transferência, chegando a ameaçá-la.

Duas vertentes estão em jogo na fantasia: o objeto e a castração. O objeto, para cada sujeito, assume traços típicos em sua particularidade e a fantasia, por sua vez, oferece a versão particular do objeto de um determinado sujeito. Quanto à

⁶² LACAN, J., “Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano”(1960) in *Escritos*, p.822.

⁶³ Verificar SOLER, C., in *Variáveis do Fim da Análise*, p.195

castração, trata-se de uma imaginarização dela, que pode assumir diversas formas de perda tais como: perda de amor, de saúde, de beleza, de saber, etc...

Inicialmente o analisando experimenta, como efeito de sua própria castração, impotência no dizer, no saber, e no amor. Lacan insiste que o analista deve dar o desejo e não seu amor, o que não significa ser antipático ou odioso, mas sim elidir a dimensão amor/ódio em favor de um desejo, que é uma incógnita, um x.

Na análise, ir em busca do desejo significa indeferir o Outro, não somente de seu lugar idealizado, mas também do lugar do saber e sobretudo do lugar de vontade. No fim de análise, chega-se ao saber sobre o que Lacan chamou “as negatividades da estrutura”, ou dito de outra maneira, as impossibilidades que a estrutura implica (os obstáculos de saber, da não-relação sexual, da significação)⁶⁴.

O que Colette Soler enfatiza é que o problema da análise consiste em obter uma certeza que não seja a da fantasia fundamental, mas pelo contrário, a certeza de impasses. A saída do processo analítico só se oferece ao analisando pela travessia de um luto; o luto das expectativas transferenciais que, na verdade, nunca está ausente...

No final de análise, a demanda tende a entrar em decadência e instaura-se uma fase de renúncia. Os passantes parecem portar o estilo do sujeito que se curou de muitas ilusões. As perdas parecem, às vezes, terem maior peso na balança do que os ganhos. No entanto aquele que acredita poder prestar contas de um final de análise, já não está no tempo de lastimar o “sem-saída de sua demanda”⁶⁵. O luto que condiciona a queda da demanda, já foi atravessado por ele que, nessa altura, já ultrapassou a posição depressiva.

“Quando o analisando se livra da satisfação extraída da análise, quando o analista deixa de ser a causa do desejo ao mesmo tempo que o destinatário da demanda, o sujeito acredita haver recuperado uma liberdade e novas possibilidades”⁶⁶

Sair do discurso analítico é sair da demanda transferencial e essa saída comporta uma satisfação específica, deixando a libido disponível para outros fins:

⁶⁴ Cartel A do Passe (1990-92): S. Cottet (mais um), P.-G. Guéguen, C. Soler e H. Wachsberger, in *Como Terminam As Análises*: “Lições Clínicas do passe : I”- ECF, p. 152-159.

⁶⁵ OP. Cit., p.152.

⁶⁶ Cartel A do Passe, in *Como Terminam as Análises* - textos reunidos pela AMP, p.153.

trabalho, amor e outras sublimações... O sujeito então experimenta em geral uma espécie de recuperação do desejo.

Considerações Finais

Ao concluir esta dissertação, chego ao terceiro dos três tempos lógicos enunciados por Lacan¹. O “instante de ver” foi precipitado por muitas questões suscitadas, ao deparar-me inicialmente com a teoria psicanalítica de Freud. Nesta, a conceituação metapsicológica da fantasia não se apresenta de forma sistemática, já que foi sendo construída par e passo com o avanço do desenvolvimento teórico, e a cada mudança significativa, novas facetas da fantasia iam sendo desdobradas. Às suas diversas facetas, como não poderia deixar de ser, implicaram em transformações importantes na clínica.

O tempo para compreender foi possibilitado pelo rastreamento, nas obras de Freud e Lacan, das definições e empregos da noção de fantasia, visando esclarecer alguns impasses encontrados no tocante ao tema.

O presente momento indica a necessidade de um fim, um ponto de basta, que de forma alguma, tem a pretensão de ter esgotado o assunto. Parafraseando Lacan, “*é o momento de concluir o tempo para compreender*”². Algumas questões foram esclarecidas aqui, de acordo com uma leitura particular, sem dúvida, influenciada pelo caminho percorrido, em minha análise, nos últimos anos de minha vida. Muitas questões, certamente, restam para serem móveis de pesquisas futuras.

Pesquisando a fantasia no pensamento freudiano, pudemos evidenciar basicamente, duas dimensões distintas ao longo da teoria: primeiramente uma dimensão representacional, onde a fantasia estaria articulada à sexualidade infantil, à realização de desejo, ao princípio do prazer e ao recalque. Tanto nos devaneios conscientes, quanto nas fantasias recalçadas que subjazem aos sintomas, sob esta ótica inicial, as fantasias, à semelhança das formações do inconsciente, das quais são parte integrante, seriam passíveis de interpretação.

Posteriormente, uma outra dimensão foi ganhando lugar na teoria, a partir da evidência de alguns fenômenos percebidos em sua clínica, e que é correlata à

¹ LACAN, J., “*O Tempo Lógico E A Asserção Da Certeza Antecipada – Um Novo Sofisma*” (1945), in *Escritos*, Jorge Zahar Ed., 1998, Rio de Janeiro, p.197.

grande virada que culminou no texto *Além do princípio do prazer*. Ao abordar as fantasias originárias em 1917, e especialmente a fantasia de espancamento, em 1919, Freud enfatizou a prevalência do masoquismo pulsional.

No artigo paradigmático, “Bate-se Numa Criança”, Freud destacou esse tipo de fantasia especial, inconsciente, que resta como um resíduo irreduzível da castração edípica, sempre presente em todos os sujeitos, e que permanece à parte da estrutura da neurose, independente do trabalho realizado com relação aos sintomas.

A fantasia, neste caso, não seria mais um recurso psíquico compensador à intransigência da realidade insatisfatória perante o sujeito humano. Analisada com base nesta outra vertente, a fantasia mantém com a realidade um outro tipo de relação, que não é de adequação ou interdependência, mas, de organização psíquica dessa realidade, quer fixada no sintoma ou desdobrada no modo de agir.

A partir deste ponto da teorização, Freud propõe, para o caso específico deste tipo de fantasia, que jamais poderá se tornar consciente, a necessidade de um trabalho de construção, que deve ser realizado em análise.

Lacan, por sua vez, partindo da releitura desta última abordagem da fantasia, na teoria freudiana, avançou no seu estudo, construindo uma escritura própria para esta estrutura psíquica: a fantasia fundamental - \$ ◇ a -. Para este autor, a fantasia fundamental é o meio com que o sujeito falante lida com o desejo do Outro. A fantasia fundamental se impõe como uma forma de estruturar a realidade e de montar uma barreira à alienação a este desejo, assim como condição de gozo. Apesar de escapar à consciência, sempre está presente no cotidiano de todo sujeito, sem que, no entanto, dela se possa falar.

Lacan segue no sentido de examinar os diferentes modos, sob os quais a fantasia fundamental pode se manifestar, tanto na neurose quanto na perversão.

Finalmente, o autor articulou a fantasia com o final de análise, caracterizando este final por sua “travessia”, em vez do alívio dos sintomas. Conseqüentemente, isto implica em mudanças significativas, tanto na posição ocupada pelo analista, diante do analisando, como na própria condução do tratamento.

² Op. Cit., p. 206.

O sujeito humano jamais poderá curar-se de sua divisão e isso traz determinadas conseqüências: o mal – estar da vida é insuperável e os sintomas psíquicos e inibições jamais serão totalmente eliminados, já que é a própria divisão que os produz. Os impasses imaginários são contornáveis pelo simbólico, embora um resto deles sempre permaneça. A angústia estará sempre presente, e uma certa dose de angústia pode ser um estímulo que coloque o sujeito em movimento, na direção de seus desejos.

À luz do ensino de Lacan, o “objeto a” não é o objeto do desejo, mas sim “causa de desejo”. Este será o lugar destinado ao analista. O processo analítico reconduz o sujeito à pulsão e não mais à demanda, levando o sujeito a saber que “não deve esperar a ajuda de mais ninguém”³.

A “travessia da fantasia”, em suma, seria a possibilidade de transformar a relação do sujeito, com essa significação axiomática absoluta.

Esta “travessia” possibilita a passagem de $\$ \diamond a$ para $a \rightarrow \$$, de forma que, ainda que sejam mantidos os elementos que compõem esta estrutura, eles estarão totalmente modificados, por ocuparem outros lugares. O $a \rightarrow \$$ expressa a castração, na medida que introduz a falta, a impossibilidade, coincidindo, portanto, com o que caracteriza o discurso do analista para a teoria lacaniana. Este discurso é o único que permite o acesso ao real. Da impotência neurótica chega-se à impossibilidade lógica, que, entretanto, nos precipita a lidar de um outro modo com nosso sofrimento.

O sintoma psíquico no final de análise, ao contrário do que se acredita, nunca falta. O mal de que o sujeito sofria, no início do processo analítico, é certamente reduzido no fim, já que o sujeito que atravessou este caminho termina por consentir na sua incurabilidade, estando, porém, avisado disso. Como diz Lacan, “A psicanálise é uma prática delirante mas é o melhor que temos atualmente para conseguir ter alguma paciência com esta situação incômoda de ser homem.”⁴

Não é pessimista esta perspectiva, segundo as palavras do Pai da Psicanálise, com as quais encerro este trabalho:

³ LACAN, J., O Seminário-livro 7: *A Ética da Psicanálise* (1959 - 1960), cap. XXIII: “As Metas Morais da Psicanálise”, p. 364.

⁴ LACAN, J., “Apertura De La Seccion Clínica” (1977) in *La Clínica Psicoanalítica*, p.21.

O neurótico realmente curado tornou-se outro homem, embora, no fundo, naturalmente permaneceu o mesmo; ou seja, tornou-se o que se teria tornado na melhor das hipóteses, sob as condições mais favoráveis. Isso, porém, já é muita coisa. Se os senhores passarem a ouvir atentamente tudo que deve ser feito e que esforços são necessários para levar a cabo essa mudança aparentemente banal na vida mental de um homem, sem dúvida começarão a perceber a importância dessa diferença em níveis psíquicos.⁵

⁵ FREUD, S., “A Transferência”, Conferência XXVII in *Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise*, p. 508.

Bibliografia

- ANDRÉ, S., *A Impostura Perversa*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1995.
- BROUSSE, M. H., “A Fórmula do Fantasma? $\$da$ ”, in *Lacan*, organizado por: Gérard Miller, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1989.
- CHEMAMA, R., *Dicionário de Psicanálise*, Porto Alegre, Artes Médicas Sul, 1995.
- COTTET, S., *Freud E O Desejo Do Psicanalista*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1990.
- FREUD, Sigmund, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, Rio de Janeiro, Imago Ed., 1976:
- _____ “Sobre o Mecanismo Psíquico dos Fenômenos Históricos: uma conferência (1893), vol. III.
- _____ “As Neuropsicoses de Defesa” (1894), vol. III.
- _____ “Projeto para uma psicologia científica”(1895), vol.I.
- _____ “Novos Comentários Sobre as Neuropsicoses de Defesa” (1896), vol. III.
- _____ “A Etiologia da Histeria” (1896), vol. III.
- _____ “Carta 52” (1896), vol. I.
- _____ “Rascunho K” (1897), vol. I.
- _____ “Rascunho L” (1897), vol. I.
- _____ “Rascunho M” (1897), vol. I.
- _____ “Rascunho N” (1897), vol. I.
- _____ “Carta no. 61” (1897), vol. I.
- _____ “Carta no. 69” (1897), vol. i.
- _____ “Considerações Teóricas: Estados Hipnóides” (1893-1895), vol. II.
- _____ “A Psicoterapia Da Histeria” (1893-1895), vol. II.
- _____ “A Interpretação Dos Sonhos” (1900) vols. IV e V, caps. 6 e 7 .
- _____ “O Mecanismo Do Prazer E A Psicogênese Dos Chistes” (1905), vol. VIII.
- _____ “Minhas Teses Sobre O Papel Da Sexualidade Na Etiologia Da Histeria” (1906), vol. VII.
- _____ “”Personagens Psicopáticos no Palco”(1906), vol. VII.
- _____ “Delírios e Sonhos na Gradiva” De Jensen” (1907), vol. IX.

- _____ “Escritores Criativos E Devaneio” (1908), vol. IX.
- _____ “Fantasias Históricas E Sua Relação Com A Bissexualidade” (1908), vol. IX.
- _____ “Moral Sexual Civilizada E Doença Nervosa Moderna” (1908), vol. IX.
- _____ “Romances Familiares” (1909), vol. IX.
- _____ “Formulações Sobre OS Dois Princípios Do Funcionamento Mental” (1911), vol. XII.
- _____ “Sobre O Narcisismo: Uma Introdução” (1914), vol. XIV.
- _____ “Os Instintos E Suas Vicissitudes” (1915), vol. XIV.
- _____ “Repressão” (1915), vol. XIV.
- _____ “O Inconsciente” (1915), vol. XIV.
- _____ “Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos” (1917), vol. XIV.
- _____ “Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise”: XXIII – Os Caminhos da Formação dos Sintomas (1917), vol. XVI.
- _____ “História De Uma Neurose Infantil” (1918 [1914]), vol. XVII:
- _____ “Uma Criança É Espancada” Uma Contribuição Ao Estudo Da Origem Das Perversões Sexuais (1919), vol. XVII.
- _____ “Além Do Princípio Do Prazer” (1920), vol. XVIII.
- _____ “O Ego E O Id” (1923), vol. XIX.
- _____ “A Negativa” (1925), vol. XIX.
- _____ “O Problema Econômico do Masoquismo” (1924), vol. XIX.
- _____ “Inibições, Sintomas e Angústia” (1926), vol. XX.
- _____ “O Futuro De Uma Ilusão” (1927), vol. XXI.
- _____ “O Mal-Estar Na Civilização” (1930), vol. XXI.
- _____ “Novas Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise” (1933)- Conferência XXXII: Angústia e Vida Pulsional, vol. XXII.
- _____ “Análise Terminável e Interminável (1937), vol. XXIII.
- _____ “Construções Em Análise” (1937), vol. XXIII.
- GROSRICHARD, A., *Uma Leitura do Texto: Kant com Sade*, Seminário ministrado na USP (inédito)- anotações de aulas, estabelecido por: Ana Lutterbach e Nilza Feres, São Paulo-SP, fevereiro de 1990.
- JORGE, M. A., COUTINHO, “O Objeto perdido do desejo”, in *Fundamentos da Psicanálise – De Freud A Lacan*, vol.1: As bases conceituais, Rio de Janeiro, Jorge Zahar ed., 2000.
- KANT, E., “A Crítica da Razão Prática”, Rio de Janeiro, Ediouro, 4ª Edição.

_____ “A Crítica da Razão Prática” e “A Crítica da Razão Pura”, apresentado por Julien Benda, in *Biblioteca do Pensamento Vivo*, São Paulo, Livraria Martins Editora, 1967.

KAUFMANN, P., *Dicionário Enciclopédico De Psicanálise - O Legado de Freud E Lacan*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1996.

LACAN, J., O Seminário- livro 4, *A Relação de Objeto* (1956-1957), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1995.

_____ O Seminário- livro 5, *As Formações do Inconsciente* (1957-1958), Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1999.

_____ O Seminário- livro 6, *O Desejo e Sua Interpretação* (1958-1959) - (inédito), versão Argentina em CD ROM.

_____ O Seminário- livro 7, *A Ética Da Psicanálise* (1959-1960), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1997.

_____ O Seminário- livro 8, *A Transferência* (1960-1961), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1992.

_____ O Seminário- livro 10, *A Angústia* (1962-63) – (inédito), versão argentina em CD ROM.

_____ O Seminário- livro 10, *A Angústia* (1962-1963) – (inédito), publicação do Centro de Estudos Freudianos do Recife, 1997/1998.

_____ O Seminário- livro 11, *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1964), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1988.

_____ O Seminário- livro 14, *A Lógica da Fantasia* (1966) – (inédito), versão argentina em CD ROM.

_____ *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1998.

_____ “Apertura de la seccion clinica” (1977) in *La Clinica Psicoanalitica*, Buenos Aires, Ediciones Altazor, 1980.

LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B., *Vocabulário de Psicanálise*, 7ª ed., Rio de Janeiro, Livraria Martins Fontes Ed., 1993.

_____ *Fantasia Originária, Fantasia das Origens, Origens da Fantasia.*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1988.

LAURENT, É., *Versões da clínica Psicanalítica*, (1995), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1995.

_____ “Alienação e Separação”, in *Para Ler O Seminário 11 de Lacan*, organizadores: Richard Feldstein, Bruce Fink e Maire Jaanus, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1997-(Campo Freudiano no Brasil).

MANCINI, P., “A Fantasia Como ‘Resíduo do Complexo de Édipo’ - Sua Articulação Com A Fantasia Originária E Com O Fantasma Fundamental Em Lacan”, in *Controvérsias em Psicanálise*, Rio de Janeiro, publicação do CEPCOP, 1999.

MARCONDES, D., *Iniciação À História Da Filosofia – Dos Pré-Socráticos a Wittgenstein*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1997, 5ª edição.

MASSON, J. M., *A Correspondência Completa de Sigmund Freud Para Wilhelm Fliess – 1887-1904*, Rio de Janeiro, Imago Ed., 1986.

MEZAN, R., *Freud, Pensador da Cultura*, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1988.

MILLER, A. J., *Matemas I*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1996, (Campo Freudiano no Brasil).

_____ *Percurso de Lacan: uma introdução*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1987.

_____ *Perspectivas Do Seminário 5 de Lacan* (1998), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1999, (Campo Freudiano no Brasil).

_____ *Lacan Elucidado* (1997), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1999.

POMMIER, G., *A Neurose Infantil da Psicanálise*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1992, (Coleção Transmissão da Psicanálise”).

_____ *O Desenlace De Uma Análise*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1992, (Coleção Transmissão da Psicanálise).

QUINET, A., *A Descoberta Do Inconsciente – do desejo ao sintoma*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2000.

_____ *As 4+1 Condições da Análise*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1991.

_____ *Um Olhar A Mais – ver e ser visto na psicanálise*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2002.

ROUDINESCO, E., *Histoire de la Psychanalyse em France*, Paris, 1986.

RUDGE, A. M. , “As Fantasias Oníricas, Para Que Servem?”, in *Psychê revista de psicanálise*, Ano 3, n.o 4, Centro de Estudos e Pesquisa da Universidade São Marcos,São Paulo, Unimarco,1999.

_____ *Pulsão E Linguagem – Esboço de uma concepção psicanalítica do ato*, Rio de Janeiro, Jorge zahar Ed., 1998.

_____ “Versões do Supereu e Perversão”, in *Psicologia: Reflexão & Crítica*, Porto Alegre: UFRGS, 1999.

SADE, D. A. F., MARQUIS DE, *A Filosofia Na Alcova*, Salvador-BA, Ágalma, 1995.

SOLER, C., *Variáveis do Fim da Análise* (1993), Campinas–S.P., Papirus Ed.,1995.

TOLIPAN, E., *A Estrutura Da Experiência Psicanalítica*, dissertação de mestrado, UFRJ – prof. Orientador: Joel Birman, Rio de Janeiro, 1991.

_____ “A Travessia Do Fantasma E Final De Análise” , in *1,2,3,4, número transferência, fantasma, direção da cura*, Rio de Janeiro, publicação da Letra Freudiana, ano XII n.º 14, 1993.

VIDAL, E., “A Construção Do Fantasma”, in *1,2,3,4, número, transferência, fantasma e direção da cura*, Rio de Janeiro, publicação da Letra Freudiana, ano XII n.º 14, 1993.

_____ “Comentários sobre ‘Die Verneinung’ ”, Rio de Janeiro, in *Die Verneinung*, publicação da Letra Freudiana no. 5, anoVIII, 1985.

_____ “Masoquismo Originário: Ser De Objeto E Semblante”,in *Pulsão e Gozo*,Rio de Janeiro, publicação da Letra Freudiana, ano XI n.º 10/11/12, 1992.

ZIZEK, S., *Eles Não Sabem O Que Fazem – O sublime objeto da ideologia*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1992.

Como Terminam As Análises – Textos reunidos pela Associação Mundial de Psicanálise, (1994), Rio de Janeiro,Jorge Zahar Ed., 1995.

Documentos para uma escola II – Lacan e o Passe, Rio de Janeiro, publicação da Letra Freudiana-Escola, Psicanálise E Transmissão, ano XIV-no. 0, 1995.

O Sintoma – Charlatão – Textos reunidos pela Fundação do Campo Freudiano, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1998.